

**LETÍCIA SOARES DE AZEVEDO**

**Compreendendo os sentimentos do  
adolescente em seu processo de iniciação  
sexual**

**Belo Horizonte  
2007**

Letícia Soares de Azevedo

# **Compreendendo os sentimentos do adolescente em seu processo de iniciação sexual**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Orientadora: Profa. Dra. Anézia Moreira Faria Madeira

Co-orientadora: Profa. Dra. Lindalva Carvalho Armond

**Belo Horizonte  
Escola de Enfermagem - UFMG  
2007**

Azevedo, Letícia Soares de  
A994c Compreendendo os sentimentos do adolescente em seu processo  
de iniciação sexual/Letícia Soares de Azevedo. Belo  
Horizonte, 2007.  
108f  
Dissertação.(mestrado) – Universidade Federal de Minas  
Gerais.  
Escola de Enfermagem.  
Área de concentração: Enfermagem  
Orientador: Anézia Moreira Faria Madeira  
Co-orientadora: Lindalva Carvalho Armond  
1.Sexualidade/psicologia 2.Adolescente 3.Emoções  
4.Relações familiares 5.Comportamento do adolescente  
6.Aconselhamento sexual/tendências I.Título

NLM: WS 462  
CDU: 616-053.7

**Universidade Federal de Minas Gerais**

**Reitor:** Ronaldo Tadeu Penna

**Vice-Reitora:** Heloísa Maria Murgel Starling

**Pró-Reitor de Pós-Graduação:** Jaime Arturo Ramirez

**Escola de Enfermagem**

**Diretora:** Marília Alves

**Vice-Diretora:** Andréa Gazzinelli Corrêa Oliveira

**Departamento de Enfermagem Materno Infantil e Saúde Pública – EMI**

**Chefe:** Clarice Marcolino

**Sub-Chefe:** Lenice de Castro Mendes Villela

**Colegiado de Pós-Graduação**

**Coordenadora:** Adriana Cristina de Oliveira

**Sub-Coordenadora:** Cláudia Maria de Mattos Penna

**Universidade Federal de Minas Gerais**

**Escola de Enfermagem**

**Programa de Pós-Graduação: Mestrado em Enfermagem**

Dissertação intitulada: “COMPREENDENDO OS SENTIMENTOS DO ADOLESCENTE EM SEU PROCESSO DE INICIAÇÃO SEXUAL” da autoria da mestranda Letícia Soares de Azevedo, aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Dra. Anézia Moreira Faria Madeira (Presidente)

---

Dra. Marta Araújo Amaral (Titular)

---

Dra. Matilde Meire Miranda Cadete (Titular)

Belo Horizonte, 27 de março de 2007

### **Dedicatória**

À minha mãezinha - Marta - que há tempos habita um plano diferente de Vida.

À sensação de sua presença constante dando-me força ao longo de todo trabalho.

## **Agradecimentos**

Agradeço, antes de tudo, aos cidadãos brasileiros que estimam e mantêm nossas Universidades Públicas, em particular, esta na qual busco meu crescimento profissional.

Agradeço a Deus pelas asas da sabedoria e da fé que me possibilitaram alçar vôos altos e longos durante a dissertação.

Aos sujeitos desta pesquisa por acalmarem minh'alma. Diante de tanta inquietação, desvelaram-me o fenômeno. Pela amizade que ficou entre nós.

À minha querida família pela presença estruturante em todo meu viver.

À Tia Rosa que por longas datas vem estimulando e apoiando as minhas decisões. Por lapidar cada pedacinho desta obra.

À minha amiga do coração, Kênia Lara, sem a qual esse trabalho não existiria. Agradeço pelos incentivos constantes e pela forte presença em minha carreira como enfermeira/professora.

Às minhas luzes-guiantes, Profa. Dra. Anézia Moreira Faria Madeira e Profa. Dra. Lindalva Carvalho Armond, orientadoras de corpo e de alma, pela doçura e encanto que conduzem seus aprendizes. Obrigada por ser um deles.

À grande mestre Celina Camilo que possibilitou o construto de meu alicerce como enfermeira-cidadã. Minha referência de mulher-que-luta, mestre-que-educa.

A todos os colegas do mestrado pelas trocas, convivência, ajudas, bate-papos e claro, o legado mais importante: a amizade.

Ao diretor, Leonardo e vice-diretora, Carmelita da Escola Municipal José Maria dos Mares Guia (EMJMMG) pela abertura e acolhida para a realização dessa pesquisa.

À Professora Linda da EMJMMG por ficar ao meu lado o tempo todo nas atividades com os adolescentes.

À acadêmica Luiza por apoiar-me nos grupos de adolescentes na EMJMMG. E à professora Marta Amaral que nos disponibilizou seu tempo e carinho para nos ajudar na organização das atividades desses grupos.

Aos usuários adolescentes e funcionários do Centro de Saúde Centro – Contagem – por serem peças fundamentais na construção desse trabalho.

Ao meu namorado Lucas, por nunca desistir de nós e dos nossos sonhos. Mais um deles se realizará com a conclusão do mestrado.

A todos que compartilharam desse caminhar: MUITO OBRIGADA!

As minhas escritas inacabadas  
Vão ficar como folhas do outono:  
cruzes na beira da estrada.

Quando cessar em mim a energia, o movimento...  
Mais do que sede, pousada.  
Mais do que abrigo, alimento.

E numa aventura desenfreada da minha breve  
estrada,  
sinto os melhores momentos...

Cientista! Não despeça nada,  
nem de verdade, nem de arte.

São folhas, são cadernos, são palavras...  
São indecifráveis madrugadas.

E deixa seguir o vento...

(Leticia S. Azevedo)

AZEVEDO, L.S., **Compreendendo os sentimentos do adolescente em seu processo de iniciação sexual**. 2007. 105f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

## RESUMO

Este estudo surgiu a partir de meu interesse em trabalhar com adolescentes desde a graduação em Enfermagem (Universidade Federal de Minas Gerais) e ao longo de minha prática como enfermeira em Programas de Saúde da Família nos municípios de Conselheiro Lafaiete/MG e Belo Horizonte/MG. O contato com os jovens, nas comunidades e escolas, provocou-me diversas inquietações das quais os aspectos sexuais me chamaram a atenção. Assim, com o objetivo de compreender os sentimentos do adolescente envolvidos no processo de iniciação sexual, fui ao encontro deles e, através desta pesquisa, de caráter qualitativo e abordagem fenomenológica, utilizei a seguinte questão norteadora: *Como você se sente ao pensar na sua iniciação sexual?* Dirigi o questionamento a doze adolescentes que ainda não haviam passado pela experiência sexual. Seis deles residentes em Belo Horizonte/MG onde estabeleci contato através de uma escola da região norte – Escola Municipal José Maria dos Mares Guia. Outros seis residentes em Contagem/MG, os quais foram convidados para participar da pesquisa por intermédio da Unidade de Saúde Centro, onde atuo como enfermeira. Os discursos dos adolescentes permitiram-me desvelar o fenômeno pela construção de quatro categorias e duas sub categorias: **dificuldade de falar sobre sentimentos; sentindo a chegada da primeira vez**, pensar no desconhecido, sentimentos aflorados; **a influência da família no comportamento do adolescente; pensando nas conseqüências pós-sexo**. Para compreensão do mundo-vida dos adolescentes, a análise foi fundamentada em filósofos fenomenológicos e autores que trabalham as temáticas sexualidade e adolescência. Os jovens revelaram medo, insegurança, receio, ansiedade, vergonha, preocupação e desejo. Neste sentido, o apoio profissional, o acolher, a escuta, as orientações precisas e cingidas de empatia mostram o nosso diferencial enquanto enfermeiro em lidar com esses sentimentos: o cuidado em sua essência mais profunda. No entanto, é preciso avançar nas práticas educativas acerca da sexualidade e superar os modelos biológicos superficiais para alcançar uma esfera onde seja possível promover atitudes conscientes e reflexivas. Só assim poderemos concretizar o projeto de uma saúde sexual e reprodutiva plena entre os jovens.

**Palavras-chave:** Saúde do adolescente; Saúde sexual e reprodutiva; Sexualidade na Adolescência; Sentimentos e Emoções.

## ABSTRACT

This study came out from my interest in working with adolescents since my graduation in Nursing (Universidade Federal de Minas Gerais) during my practice as a nurse in Family Health Programs in Conselheiro Lafaiete City/MG and Belo Horizonte City/MG. The contact with youngsters in the communities and schools provoked several disquiets from which the sexual aspects caught my attention. Thus, with the goal to understand the feelings involved in the process of sexual initiation, I went to meet them through this research, qualitative in character and phenomenologic in approach. I asked them the directional question: *How do you feel about thinking in your sexual initiation?* I addressed this question to twelve adolescents who have never experienced sex before. Six youngsters live in Belo Horizonte City, where I could be in touch with them through José Maria dos Mares Guia School, and six residents in Contagem City, who I invited to participate in the research through Health Center Unit, where I work as a nurse. The adolescents' statements permitted me to unravel the phenomenon through the construction of four categories in two sub-categories: **difficulty to talk about feelings; expecting the coming of the first sexual relation;** think about the unknown experience, arisen feelings; **the influence of the family in the adolescent's behaviour; thinking in the consequences after sex.** To understand what the adolescents live, the analysis was based on phenomenologic philosophers and authors who deal with the sexuality in adolescence theme. The interviewed youngsters revealed fear, diffidence, anxiety, shame, worry and desire. In this context, professional support, active listen, precise orientations with empathy show our differential as nurses who deal with these feelings: the care in its deepest essence. It is necessary to improve the educational practices about sexuality and overcome the superficial biological patterns to reach an atmosphere where it is possible to promote conscious and reflective attitudes. Only in this way, we can achieve the project of a total sexual and reproductive health among youngsters.

**Key-words:** Sexual and Reproductive Health; Teen Health; Teen sexuality; Sexual Initiation; Feelings and Emotions

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>BUSCANDO A SUSTENTAÇÃO PARA O TEMA</b>	<b>19</b>
2.1	O ponto de partida	19
2.2	Adolescência/sexualidade: um elo necessário	24
<b>3</b>	<b>TRAJETÓRIA METODOLÓGICA</b>	<b>31</b>
3.1	Pesquisa qualitativa... fenomenologia	31
3.2	O contexto do estudo: um encontro com os sujeitos	38
3.3	Os momentos da análise	43
<b>4</b>	<b>UM CAMINHAR PARA COMPREENSÃO</b>	<b>46</b>
4.1	Dificuldade de falar sobre sentimentos	46
4.2	Sentindo a chegada da primeira vez	56
4.2.1	Pensar no desconhecido	56
4.2.2	Sentimentos aflorados	59
4.3	A influência da família no comportamento do adolescente	72
4.4	Pensando nas conseqüências pós-sexo	79
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>83</b>
.		
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>86</b>
.		
	<b>BIBLIOGRAFIA CONSULTADA</b>	<b>92</b>
	<b>ANEXOS</b>	<b>94</b>

## INTRODUÇÃO

Meu interesse em trabalhar com os adolescentes nasceu durante a graduação em enfermagem, quando estava inserida num Projeto de Extensão<sup>1</sup> – Projeto Meio Ambiente, Saúde e Cidadania – junto à População Ribeirinha do Córrego do Onça em Belo Horizonte/MG. Entre outras atividades, trabalhávamos com educação em saúde, abordando sexualidade na adolescência nas escolas que correspondiam ao nosso campo de ação.

Ao concluir o curso de graduação em Enfermagem na Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em outubro de 2003, fui trabalhar no Programa de Saúde da Família (PSF) no Município de Conselheiro Lafaiete, em Minas Gerais. Tive a oportunidade de escolher o local, a área de abrangência em que iria atuar, pois havia várias equipes sem enfermeiro(a). Minha escolha foi pautada, principalmente, na presença de jovens: optei pela Equipe de Saúde da Família (ESF), que possuía a sua sede dentro de uma escola voltada para crianças e adolescentes. Apesar de ter apresentado propostas diversas para iniciar atividades com os adolescentes, outras funções me consumiram e o tempo foi insuficiente. Permaneci nesse trabalho por apenas três meses.

Em fevereiro de 2004, assumi outra ESF em Belo Horizonte, na região do Barreiro. Foi uma mudança significativa em minha vida profissional e pessoal também. Vi-me diante de uma estrutura bastante diferenciada de organização das ESFs, e marcou-me a oportunidade de trabalhar, novamente, com os adolescentes. Logo que

---

<sup>1</sup> Atividade acadêmica identificada com os fins da Universidade Federal de Minas Gerais; está articulada com o ensino e pesquisa, de forma indissociável (UFMG, Regimento Geral, 1980).

inicie minhas ações na ESF em Belo Horizonte, busquei contatos com os coordenadores da escola localizada na área de abrangência do Centro de Saúde, pois acredito que o espaço escolar mostra-se privilegiado para iniciar e manter contato com os jovens da comunidade. Foram realizadas reuniões entre representantes da ESF (eu – a enfermeira –, a gerente do Centro de Saúde e o odontólogo) e coordenadores, para levantar os principais temas a serem desenvolvidos junto aos adolescentes. Emergiram das reuniões, dentre outros, os seguintes assuntos: higiene, violência, drogadição e a necessidade de trabalhar a questão da sexualidade.

Foram agendados encontros semanais com as turmas de 6<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries. No primeiro encontro, discutimos suas expectativas e necessidades no que se refere à educação em saúde. Mais uma vez, sobressaiu o tema sexo/sexualidade como ponto-chave a ser discutido. A partir disso, elaboramos um cronograma para ser cumprido com os grupos.

Os assuntos abordados durante as atividades na escola abrangiam a percepção e mudanças do corpo, ciclo menstrual, métodos contraceptivos, doenças sexualmente transmissíveis, Aids e gravidez na adolescência. Através de jogos, dinâmicas, palestras e vídeos, íamos demonstrando e refletindo sobre os conteúdos, na construção de novos conhecimentos.

Ao longo do desenvolvimento das atividades, algo que não eu conseguia definir afligia-me e deixava-me inquieta. A princípio acreditava no compromisso social que assumia como enfermeira – profissional do setor saúde –, que trocava com os adolescentes conhecimentos sobre sua realidade, suas transformações. Porém, via-me diante de situações que evidenciavam um constante distanciamento entre a ESF e eles. Além da falta de disponibilidade de tempo para a realização de um trabalho contínuo,

existia uma lacuna, em meu entendimento, quanto à construção de vínculo com esses adolescentes, algo tão importante ao sucesso do processo educativo. Percebi que as dúvidas e questionamentos sobre sexo/sexualidade iam muito além dos temas abordados. Mais que aprender e saber sobre a importância e como usar o preservativo e outros métodos contraceptivos, os adolescentes queriam compreender o sentido do sexo em suas vidas. Deparei-me com questionamentos como: “... estou namorando um rapaz há mais ou menos cinco meses. Você acha que posso transar com ele?”.

Ao trabalhar com adolescentes tendo como base o tema sexualidade, precisamos apontar algumas questões importantes: a sexualidade é, talvez, o componente da fase da adolescência mais conflituoso.

[...] esta é uma etapa da vida na qual a personalidade está em fase final de estruturação e a sexualidade se insere nesse processo sobretudo como um elemento estruturador da identidade do adolescente.(OSÓRIO, 1992, p.20)

Estas questões estruturais abarcam distintos e integrados processos de desenvolvimento social, familiar, físico-pubertário, psicossocial e intelectual que acarretam um novo tipo de relacionamento desse adolescente com o ambiente e do ambiente com ele, comenta Oliveira (1995).

Outro ponto relevante é considerar que a sexualidade é um componente humano que se define a partir de uma complexa inter-relação entre o biopsicossocial, a subjetividade e as condições de existências diversas (MANDU; CORRÊA, 2000). Dessa forma, podemos afirmar que a especificidade do exercício da sexualidade dos adolescentes traz-nos uma práxis recheada de desafios. Por fim, apesar de considerarmos todos esses fatores, nossa prática no âmbito da adolescência depara-se, constantemente, com a complexidade que o tema nos remete e, portanto, planejar

os cuidados de enfermagem, considerando os problemas comuns entre os jovens, parece não ser suficiente para provocar mudanças de atitudes que promovam saúde.

De acordo com minha experiência, pude perceber que os adolescentes sentem necessidade de um vínculo com o profissional da saúde para expor suas dúvidas e ansiedades. E mais, em grande parte dos assuntos abordados, eles já tiveram algum acesso e possuem certo conhecimento. Sentem-se interessados pelas exposições e conversas sobre temas relacionados à sexualidade; porém, querem mais, algo indefinido para mim e que se tornou fonte de minha inquietação.

Dessa forma, ao apreender as angústias manifestadas pelos adolescentes durante os atendimentos, alguns questionamentos se fizeram presentes, tais como: de que forma os adolescentes convivem com o sexo? Por que havia tantas perguntas em relação a quando ter a primeira relação sexual? Por que não se interessavam tanto por assuntos, como o uso do preservativo, por exemplo? Por que se interessavam mais quando ouviam depoimentos de jovens falando sobre sua vida sexual?

Esses questionamentos levaram-me a refletir sobre minha prática e senti-me incomodada. Apesar de estar presente e ter o desejo de melhorar as condições de vida do adolescente, sentia-me limitada, muitas vezes, com dificuldade para continuar o trabalho. Entendo que a esfera individual e singular acerca da sexualidade coloca em xeque a resolução dos problemas. Acredito que não resolvemos o problema afetivo-sexual do outro, apenas, minimamente, podemos viabilizar reflexões para isto. Nesse sentido, na busca de caminhos para o desenvolvimento saudável da prática sexual, descobri um nó: os adolescentes querem muito mais que informações e debates sobre sexualidade, querem também falar sobre seus sentimentos.

Foi então que, durante minha prática em enfermagem, surgiu a vontade de aprofundar os conhecimentos sobre a sexualidade dos adolescentes, sobretudo no que se refere ao momento da escolha da vivência de relações sexuais.

Várias pesquisas apontam o avanço, cada vez mais precoce, do exercício da atividade sexual com todas as suas conseqüências. O momento que vivenciamos – a era da tecnologia, da internet, a posição da mídia – demonstra o envolvimento dos jovens neste emaranhado de imagens, cores e fantasias, influenciando sobremaneira suas atitudes. Em meio a tantas manifestações de liberdade e facilidades de acesso às informações, o adolescente vê-se, muitas vezes, perdido, à procura de referências e valores, em busca do autoconhecimento. Sua afetividade e comportamento estão em mudança, provocando-lhes muitas indagações sobre si mesmos e questões sobre o sentido da vida (MINAS GERAIS, 1998). Nesta fase do desenvolvimento humano, sobressaem as descobertas acerca da sexualidade, através dos sentidos, dos gestos, dos toques, da voz, das sensações. Dentro desse processo de mudanças, descobertas e escolhas encontramos posturas que vão desde a maturidade de ações reflexivas a atitudes precipitadas, com conseqüências marcantes. Nas entrelinhas deste caminhar, sobrepõem-se os sentimentos, as emoções, os conflitos, os desejos que direcionam o movimento em direção ao ato sexual. As significações imprimidas neste ato diferem de sujeito para sujeito numa variação entrelaçada por cultura, história, convivência social, gênero, situação socioeconômica entre outros aspectos que dão contorno à expressão da sexualidade. Neste contexto, destaca-se o significado dos sentimentos e emoções vividas pelo jovem.

A emoção é, portanto, fundamental componente nas ações humanas. Influencia a escolha de objetivos a serem perseguidos, bem como avaliação e valorização de certos dados, eventos ou situações vividas. Assim, em função do amor, do ódio, medo, alegria, tristeza, o indivíduo é levado a procurar – ou evitar – objetos, pessoas, circunstâncias (BRASIL, 2003, p.68).

Enfim, todo o processo de expressão da sexualidade do adolescente vai culminar, essencialmente, no ato sexual. Em meio ao turbilhão de transformações que perpassam a vida do adolescente, surge a vontade, a curiosidade, o desejo pelo sexo. A iniciação sexual provoca mudanças relevantes na vida de um adolescente: “Por um lado, eles se sentem integrados ao mundo dos adultos, prontos para usufruir seus prazeres e sua liberdade, mas, por outro, a prática sexual exige bastante maturidade e responsabilidade do adolescente” (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p.81).

A primeira relação sexual mostra-se como um marco considerável durante a fase da adolescência – “o primeiro sutiã ninguém esquece, nem o primeiro dia de aula, o primeiro namoro, o primeiro beijo e a primeira transa?” (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 79). É o momento em que o adolescente desperta para a vida sexual e lhe é aberto um mundo de possibilidades de prazer ou desprazer. O “agora em diante” vai depender da atitude deste jovem frente à sua nova realidade. “Esse é o território absoluto da liberdade humana: a consciência individual. São as escolhas que os jovens têm que aprender a fazer, ainda que dolorosamente. Mas nós podemos ajudá-los” (MINAS GERAIS, 1998, p.22). A família, a escola, nós, profissionais da saúde e demais espaços sociais, precisamos interagir de maneira a cooperar com a preparação dos jovens para o exercício saudável da sexualidade. Acredito que, ao compreender a esfera sentimental dos adolescentes, no que tange à iniciação sexual, ampliamos nosso potencial de ação junto a eles. Abordar a gravidez na adolescência,

por exemplo, é algo indiscutivelmente importante; porém, pouco se tem discutido acerca dos sentimentos que enlaçam sua vida sexual.

Ao contextualizar o tema proposto por este estudo, cabe relatar um episódio que me chamou a atenção: durante uma consulta de enfermagem, uma adolescente solicitou-me orientação quanto ao uso de anticoncepcional oral. Antes disso, porém, dispusera-se a falar do seu relacionamento com o namorado. Pressentia que, em breve, teria sua primeira relação sexual. Suscitou várias dúvidas e pediu-me opinião. Percebi que, na realidade, ela queria compartilhar suas expectativas, ansiedades e dúvidas. Esta situação ilustra várias outras semelhantes que vivenciei em minha prática ao atender os adolescentes e me fizeram refletir sobre algumas questões que não permearam minha graduação. Dentre as lacunas existentes no currículo do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais quanto à abordagem ao adolescente, nada me fez sentir mais incompleta do que os assuntos acerca da sexualidade, principalmente dos elementos relacionados à afetividade, aos sentimentos envolvidos nesse processo.

Meu propósito, portanto, é aprofundar as questões relativas aos sentimentos envolvidos na vivência da iniciação sexual, pois, segundo Heilborn,

[...] a etapa da juventude adquire especial relevância no estabelecimento de roteiros biográficos, por abrigar o momento da iniciação sexual e amorosa com um(a) companheiro(a) e de experimentação do repertório de práticas sexuais [...] Sob tal ótica, a juventude é privilegiada como momento de análise, por condensar a experiência da sexualidade com o outro, instaurando modos particulares de entrada na vida sexual. (HEILBORN, 1999, p.13)

Nosso papel no âmbito da saúde projeta-se por meio da compreensão para ação. É compreendendo o outro que buscamos alternativas viáveis para nosso comprometimento com o cuidado e com a promoção da saúde. A justificativa deste estudo projeta-se por meio dessa perspectiva, além de constituir-se num trabalho que

contribuirá, significativamente, com a comunidade científica, pois as pesquisas envolvendo adolescentes, raramente, abordam questões sentimentais e afetivas, tendo o foco bastante voltado para os aspectos biológico-estruturais.

Pretendo, portanto, com esta pesquisa, **compreender os sentimentos do adolescente envolvidos no processo de iniciação sexual.**

## **2- BUSCANDO A SUSTENTAÇÃO PARA O TEMA**

### **2.1- CONCEITUANDO A ADOLESCÊNCIA: O PONTO DE PARTIDA...**

Adolescência vem de “adolescere”, palavra em latim que significa crescer, tornar-se maior, atingir a maioridade.

Em sua tese de doutorado, Reis (1993) discute a diversidade semântica existente entre os termos puberdade, pubescência, adolescência, minoridade jurídica e juventude e aponta as relações de parentesco e laços de fidelidade com o terreno epistemológico no qual foram gerados. No fundo, consideramos que são termos que designam, com precisão variável, a etapa da vida durante a qual o ser humano deixa de ser criança, abandona o universo psicossocial infantil, iniciando um processo característico de entrada para a vida adulta.

Este estudo, em particular, irá trabalhar com dois dos termos citados acima: puberdade e adolescência. O primeiro é reservado para as modificações físicas que ocorrem na faixa etária dos dez aos quatorze anos e que se caracterizam pelo aparecimento dos caracteres secundários, crescimento esquelético e alterações da composição corporal. O segundo abrange e ultrapassa o conceito de puberdade, incluindo não só as transformações físicas, mas todo processo de transformação psicossocial vivenciado pelo adolescente.

Há diversos parâmetros para definir qual etapa compreende adolescência. O mais comum é a consideração de que “a adolescência constitui um processo, fundamentalmente biológico, de vivências orgânicas no qual se aceleram o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade”, preconiza o documento

da Organização Mundial de Saúde (OMS) e da Organização Pan-americana de Saúde (OPS). Ainda, na maioria das vezes, é delimitada uma faixa etária que tenta abranger, minimamente, este processo. Alguns autores adotam a faixa etária de doze aos vinte anos, outros de dez aos vinte anos e outros de doze aos vinte e um. A OMS e a OPS identifica como adolescência o período que se estende dos dez aos dezenove anos, dividido em pré-adolescência de dez aos quatorze anos e adolescência propriamente dita dos quinze aos dezenove anos.

Em meio a tantas definições e delimitações da adolescência em faixa etária, é importante considerar que essa etapa do desenvolvimento humano apresenta características próprias, assim como a infância, a idade adulta e a velhice. Além disso, as mudanças ocorridas durante essa fase não se configuram de forma homogênea entre os jovens. Fatores como genética, situação sócio-econômica e meio cultural vão influenciar direta e indiretamente neste processo.

É dentro desta lógica que destaco um trecho do livro ADOLESCER que coloca que

Demarcações por faixa etária podem ser questionadas ao se considerar a juventude como um processo social que só pode ser compreendido a partir de condições econômicas, políticas e sociais que determinam comportamentos individuais e grupais, opções de vida, esperanças e desesperanças (ASSOCIAÇÃO..., 2001, p.19).

Podemos, então, caracterizar a adolescência como

[...] uma fase de intensas transformações corporais, psicológicas e sociais. No que diz respeito às modificações físicas (puberdade), o que de mais importante acontece é a perda do corpo infantil com o aparecimento dos caracteres secundários (OSÓRIO, 1995, p. 95).

Neste momento disponho das palavras de Mandu e Corrêa (2000, p. 31) acrescentando que a partir deste fato biológico, afirma-se que “estas modificações ocorrem com tal intensidade que escapam do controle do adolescente”, isso não só

exige uma reconstrução da sua auto-imagem, como também influencia, sobremaneira, na construção de sua identidade.

Em relação às modificações mentais, o que ocorre de mais significativo é a aquisição da capacidade de abstração e de interpretação, substituindo a lógica concreta dos objetos, descreve Oliveira (1995). Dessa forma, o adolescente não mais manipula objetos, simplesmente. Ele começa a manipular idéias, a fazer conjeturas e chegar a conclusões próprias. Este novo estado mental leva o adolescente a inúmeras descobertas, muitas vezes, conflituosas.

A sexualidade é, talvez, o comportamento da fase da adolescência mais conflituoso. Segundo Osório (1992), essa é uma etapa da vida na qual a personalidade está em fase final de estruturação e a sexualidade se insere nesse processo, sobretudo como elemento estruturador da identidade do adolescente.

Aliada às percepções de mudanças no corpo o adolescente vive uma situação de constantes questionamentos sobre si e reestruturação do eu físico e psicológico. A relação que o adolescente adquire com o próprio corpo apresenta-se como fator relevante na vivência da sexualidade.

Na medida em que somos uma unidade integrada, aquilo que afeta o nosso corpo influencia também nossa percepção de mundo. Nessa perspectiva, a vivência da sexualidade sadia talvez seja um dos maiores desafios para os adolescentes e os adultos que o cercam. (CARVALHO, GUIMARÃES e SALLES, 2003, p. 9)

Assim, busco compor um arsenal de idéias e posições de determinados autores acerca da sexualidade vivenciada pelo adolescente, para, a partir daí, discutir a importância de compreendermos aspectos pouco explorados nesta temática, dentre eles, os sentimentos envolvidos nesta vivência.

Como definição de sexualidade recorro a Mandu e Corrêa (2000, p. 28), que dizem que “sexualidade é compreendida como uma das expressões humanas que envolve afetos, sentidos, desejos, comunicação, criação e, mais amplamente, o próprio viver”.

Ao pensar nesta temática é preciso reconhecer que se chama sexualidade a todas as formas, jeitos, maneiras como as pessoas buscam o prazer. Sob este aspecto, a sexualidade não está sujeita a julgamentos e não está restrita ao aspecto genital, extrapola a relação sexual. Devo salientar que a genitalidade não deve ser interpretada de forma desarticulada, em que se confunde sexo e reprodução com a expressão da sexualidade.

Além das questões de corporeidade, a sexualidade envolve uma ampla rede de significações que inter-relacionam biologia, subjetividade e condições existenciais concretas, coloca Mandu (2000). Esta rede integrada é que faz da sexualidade um componente humano essencialmente singular e único em cada ser. A vivência da sexualidade é algo intransponível, dissolvido e destacado em várias ações humanas que envolvem desejo, prazer e aspirações.

Apesar da singularidade do exercício da sexualidade, é pertinente e necessário chamar a atenção para o fato da sexualidade transpor as referências individuais e ir ao encontro do outro, ou melhor, dos outros, tornando-se um elemento de definições e enlaces sociais. Torna-se, então, um componente que apresenta manifestações que refletem de modo único e singular, a individualidade de cada sujeito e, de modo coletivo e plural, a marca dos espaços sociais específicos onde é exercida, como lembra Mandu (2000).

Heilborn (1999, p.77) conceitua: “[...] a sexualidade, enquadrada por um conjunto de leis, costumes, regras e normas variáveis no tempo e no espaço, é um fenômeno socialmente construído, mas muitas vezes considerado uma evidência ‘natural’ ”.

Outro aspecto relevante dentro de uma visão ampliada e contextualizada da sexualidade, é refletir sobre a construção histórica da sexualidade. No Brasil, Luiz Mott aponta três complexas matrizes sexuais:

[...] o modelo sexual hegemônico dos donos do poder, representado pela moral judaico-cristã fortemente marcada pela sexofobia, e os modelos periféricos indígena e africano, dominados por multifacetada pluralidade cultural e grande permissividade relacional (MOTT, 1994, p. 6).<sup>2</sup>

Embora houvesse um “embridamento” cultural e étnico, predominou através dos tempos, a cultura dominadora da moral cristã, a qual imprimiu traços de repressão e significados enraizados em tabus. Apesar das evidências deste legado, destaca-se um momento de referência histórica da sexualidade no Brasil, a década de sessenta – marco importante na transformação da cultura sexual. Nesta década grupos organizados articularam um processo de contestação moral e de valores vigentes, estabelecendo uma nova ordem de padrões de comportamento sexual, uma “nova moral sexual”, coloca Oliveira (1995).

Desde então, houve uma verdadeira avalanche de mudanças no contexto da moral sexual e, muitas vezes, as pessoas vêm-se perdidas, sem saber o que pensar ou mesmo como agir. Afinal, o que deve ser valorizado quando o assunto é “sexo”?

Segundo Heilborn (1999), as análises e definições sobre relação sexual variam segundo pesquisas, e essa variabilidade está ligada às questões sociais que motivam tais pesquisas e tornam possível seu financiamento e realização. Em sua obra *Sexualidade – um olhar das ciências sociais*, uma das colaboradoras, Brigitte Lhomond

---

<sup>2</sup> <http://br.geocities.com/luizmottbr/artigos05.html>.

(1999) realizou uma pesquisa sobre juventude e sexualidade na França e definiu como relações sexuais jovens que praticaram atos envolvendo os órgãos genitais de pelo menos um dos parceiros. Mais adiante, na mesma pesquisa, ela questiona essa definição e aponta que esta vai de encontro com o senso comum em que se supõe a ocorrência do coito (vaginal e anal).

Minha proposta de estudo é compreender os sentimentos do adolescente envolvidos no processo de entrada para a vida sexual, o que me leva a considerar a primeira relação sexual deste jovem. Para efeito, adotarei a definição exposta pela autora acima, Lhomond, quanto ao ato sexual a qual difere do senso comum.

## **2.2- ADOLESCÊNCIA / SEXUALIDADE: UM ELO NECESSÁRIO**

Ao se pensar na iniciação sexual é fundamental definir alguns fatores relacionados a esse processo. Para tanto é necessário recorrer à terminologia adotada pelos adolescentes para compreendê-los melhor. Embora os termos possam variar de região para região eles apresentam significados semelhantes.

Temos então, como início do envolvimento afetivo, o *ficar* definido como

[...] uma experiência de estar com o outro, trocar carícias, intimidades, descobertas e sensações sobre o corpo e sobre si mesmos. Rolam beijos, abraços e, eventualmente, pode-se chegar a uma transa. Os limites do *ficar* são determinados pelo próprio casal. Em geral inclui afetividade, porém não há um compromisso de continuidade ou exclusividade, mas o *ficar* poderá se transformar em namoro (GONÇALVES *apud* FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 150).

Como continuidade do processo, o *ficar* pode progredir para o “rolo”. Este tipo de relacionamento está baseado em contatos posteriores ao ficar. Esses contatos podem ser através de telefonemas, encontros, e-mails, MSN, etc. Enfim os parceiros

continuam *ficando*, porém mantêm laços descompromissados. Existe também o “rolo sério” :

[...] refere-se a algo mais forte. Implica em certa dose de compromisso. Compromisso de telefonar e de se encontrar novamente. Se “pintar” o “lance” de “transar”, “transa-se”, mas não há nenhuma exigência de fidelidade. O namoro, porém, é hierarquicamente algo mais sólido. Implica em um grau mais sério de compromisso. (CAVALCANTI, ca. 1993, p. 32)

Em qualquer uma dessas fases pode estar situado a iniciação sexual. Não há restrições quanto ao grau de intimidade para que haja envolvimento sexual entre os jovens. Há sim uma imprevisibilidade do momento da relação sexual. Muitas vezes os adolescentes podem não assumir para si mesmos que estão vivendo um relacionamento sexual, costumam não planejar sua vida sexual.

Todo esse processo aparece num emaranhado de situações que envolvem a vivência da sexualidade do adolescente, foco deste estudo. Através da revisão bibliográfica, percebi uma escassez de artigos abordando as questões afetivas, sentimentais. Muito se tem escrito sobre a importância do diálogo entre pais, escola e os jovens, a existência de DSTs e a necessidade de uma abordagem preventiva, as dificuldades em lidar com o assunto, as mudanças bio-psicossociais, entre outros. Há uma tentativa de descrever as sensações vividas pelo jovem, porém ainda conforme a visão do adulto, que as expõe de acordo com as percepções apreendidas na convivência e trabalho com esses adolescentes.

Ao abordar adolescência e sexualidade deve estar claro que a sexualidade não é um fenômeno que aparece na adolescência, mas acompanha o indivíduo desde seu nascimento. Porém, é encarado pelos pais como realidade concreta quando os filhos iniciam a fase da adolescência, comenta Oliveira (1995). Talvez, porque é durante a

adolescência que alguns aspectos considerados socialmente “sexualizados” começam a transparecer nas atitudes dos jovens.

Seguindo o contexto assinalado na discussão sobre o aspecto social da sexualidade, vemos que a adolescência abriga um momento de destaque já que

[...] as marcas sociais dessa fase, particularmente, os exercícios da sexualidade e reprodução fundam-se nas origens e classes sociais, na história familiar e de socialização, nas relações de igualdade/desigualdade vividas, no partilhamento de preceitos de moralidade e hierarquizações, entre outros tantos processos que dão contorno à subjetividade humana (ASSOCIAÇÃO..., 2001, p. 63).

Ao refletir sobre essas questões percebo, com destaque, a influência advinda dos meios de comunicação como revistas, jornais, televisão, internet, entre outros. Esses meios caracterizam-se como coringas que transitam e veiculam mensagens e imagens sobre sexo, as quais prescrevem, nas entrelinhas, modelos de comportamento e de papéis sexuais para homens e mulheres. Uma realidade entrelaçada por liberdade e acesso fácil, onde informações convenientes ou não, circulam muito rapidamente e encontram um ser repleto de vulnerabilidades: o adolescente.

Outro fator importante a ser considerado é o surgimento da pílula anticoncepcional. Essa, aliada às concepções literalmente derrubadas a partir da década de sessenta, como a valorização positiva da virgindade e a proibição de relações sexuais fora do casamento, além da influência inegável da mídia, contribuiu para incentivar a atividade sexual entre os jovens.

Nesse clima de pós-modernidade, há dados estatísticos que demonstram o avanço da precocidade no exercício da atividade sexual, com todas as suas conseqüências (MINAS GERAIS, 1998). Além disso, vale salientar as pesquisas que mostram que apenas uma minoria dos adolescentes, sexualmente ativos, usa qualquer método anticoncepcional, independentemente das campanhas de orientação sobre

planejamento familiar, encabeçadas por órgãos públicos e privados. Os jovens, em geral, encaram de maneira equivocada a questão do uso de preservativos e outros cuidados pessoais. Apesar dos aspectos relacionados à formulação, implantação e viabilização de muitos trabalhos educativos sobre sexualidade apresentarem características que desfavorecem uma perspectiva de mudança de comportamento dos jovens, o fato é que os riscos advindos de uma prática sexual não-saudável vão subsidiar uma série de problemas individuais e coletivos.

A ocorrência crescente da gravidez na adolescência é considerada um importante problema de saúde pública no Brasil, enfatiza Mandu (2000). Este fenômeno não vem desvinculado do ciclo de exclusão como pobreza, educação precária e falta de perspectiva de futuro (ABEn, 2000). Entre 1993 e 1998, observou-se um aumento de cerca de 31% no percentual de partos de meninas de 10 a 14 anos na rede do Sistema Único de Saúde (BRASIL, 1999). Apesar das diferenças regionais, dados atuais mostram que o número de recém-nascidos de mães adolescentes corresponde a 23,38% dos nascimentos (BRASIL, 2006). Um estudo realizado em Belo Horizonte/MG através da análise do Sistema de Informação de Nascidos Vivos (SINASC) verificou-se que a proporção de mães adolescentes varia de 6,05% a 25,79% dependendo da área de abrangência (FRICHE et al, 2006). O que mais nos chama atenção nestes dados, é a íntima relação entre gravidez na adolescência e gravidez não planejada. Quer dizer: a precocidade não deve ser limitada às questões puramente biológicas, mas, principalmente, às questões de ordem social e afetiva, que irão repercutir além do período gestacional. Pode-se mencionar as influências sobre a educação (ex.: evasão escolar), perspectiva profissional e familiar, além de outros fatores que refletirão no futuro destes jovens. Além disso, o agravante são os abortos ocorridos nesta fase.

Dados estatísticos apontam que em 1998, 50 mil adolescentes foram submetidas à curetagem pós-aborto em hospitais públicos. Com relação às repercussões para a saúde da adolescente, a gravidez representa uma das principais causas de morte de mulheres entre 15 e os 19 anos, seja por complicação na própria gravidez, no parto ou pela prática clandestina do aborto. (BRASIL, 1999)

No tocante aos agravos à saúde, percebe-se um aumento nos índices de contaminação por doenças sexualmente transmissíveis (DST). No caso da Aids, embora o número de casos notificados em adolescentes não seja grande em relação às outras faixas etárias, evidencia-se um crescimento nos últimos anos – 500 casos novos entre 13 a 19 anos em 2004 –, obedecendo às quatro tendências principais de crescimento da doença no país: a feminilização, a pauperização, a interiorização e a diminuição da faixa etária das pessoas atingidas (BRASIL, 2006).

Dessa forma, vimos que a vulnerabilidade diante de fatores que envolvem o sexo vai influenciar, notadamente, o futuro dos adolescentes, não só no que tange à individualidade, mas também nos aspectos sócio-econômicos. Assim, vimos que:

[...] a vulnerabilidade e os agravos vividos na adolescência irão evidenciar efeitos e custos, em termos de transtornos e sofrimentos, em etapas futuras da vida, principalmente quando tomamos casos como o de consumo de substâncias psicoativas, sexo desprotegido e infecção por DST e Aids, entre outros (ASSOCIAÇÃO..., 1998, p.24).

Vergonhas, medos, inseguranças, estereótipos e preconceitos, segundo Mandu (2000), ampliam a vulnerabilidade de adolescentes a problemas relativos à sexualidade e reprodução, sobretudo quando essas vivências esbarram na falta de apoio familiar e social. Mais uma vez nos deparamos com a esfera sentimental como fator que retroalimenta as ações e relações humanas, não sendo diferente com os adolescentes. As escolhas feitas pelos jovens num momento de conflito que é a adolescência definirão

alguns caminhos de sua vida que o levarão ou não à construção saudável do exercício da sexualidade. Nessa perspectiva, em que autonomia e tomada de decisão se entrelaçam, as escolhas feitas pelos adolescentes influenciarão os seus comportamentos: sexual, religioso e afetivo. (CARVALHO, GUIMARÃES E SALLES, 2003).

Visto que a ocorrência dos agravos está intimamente ligada ao modo de vida das pessoas, precisamos acatar a idéia de que vulnerabilidade não deve ser vista fora de uma temática ampla em que se integrem aspectos sociais, institucionais e individuais. “É no concreto da vida, na construção/reconstrução e apropriação ou não de bens e valores materiais e culturais, na interação destes com processos somáticos, genéticos e físico-ambientais, que se definem os diversos modos de vida do adolescente” (ASSOCIAÇÃO..., 2001, p.13).

É neste contexto que nós, profissionais da saúde – particularmente os enfermeiros – nos inserimos. Devemos assumir o compromisso com a saúde e qualidade de vida da população jovem brasileira, no sentido de atender as demandas e desafios que não se restringem aos serviços de saúde, mas que se incorporem em espaços assistenciais diversos, como importante *locus* de transformação e de garantia ao exercício da cidadania. Para isso, são necessárias novas formas de conceber e atuar junto aos adolescentes, onde a elaboração de programas e projetos direcionem para uma perspectiva diferenciada, em que se considere tanto a peculiaridade dos sujeitos envolvidos no processo (adolescentes, profissionais, família) quanto à articulação dos múltiplos espaços institucionais, que colaboram na estruturação da vida individual e coletiva.

O que se observa é que muitos profissionais encontram-se despreparados para o trabalho com o adolescente, para a atenção às peculiaridades e complexidades de suas necessidades. Faltam espaços e suportes apropriados às suas demandas, tanto no campo da orientação, quanto na proteção e recuperação da saúde sexual e reprodutiva. Os sentidos do corpo e as desigualdades e diferenças de distintas ordens são freqüentemente ignoradas, num processo de homogeneização e simplificação da saúde adolescente (MANDU, 2000).

Uma reflexão interessante é considerar que

Se por um lado as distorções e dificuldades de se tratar assuntos pertinentes à área sexual podem estar ligadas à enorme carga afetiva que a sexualidade tem para as pessoas, à falta de conhecimento, ou até mesmo às atitudes negativas que acompanham tradicionalmente o tema, por outro cada vez mais, se aceita a idéia de que a sexualidade humana tem muito a ver com as possibilidades de felicidade pessoal e social, constituindo-se num elemento-chave para a saúde e para a qualidade de vida (ASSOCIAÇÃO..., 2000, p.48).

Compete ao enfermeiro, portanto, interagir com as várias nuances discutidas até o presente momento e, processualmente, fornecer elementos para a crítica aos fatores individuais e sociais abrangendo a percepção afetiva e os assuntos físico-biológicos presentes na sexualidade humana.

### **3- TRAJETÓRIA METODOLÓGICA**

#### **3.1- PESQUISA QUALITATIVA... FENOMENOLOGIA**

Minha primeira aproximação com a pesquisa qualitativa se deu ao ingressar-me no curso de mestrado. Oportunamente tive contato com outras abordagens, mas a pesquisa qualitativa proporcionou-me um certo fascínio.

Ao inteirar-me melhor acerca de seus pressupostos, vi que meu objeto de pesquisa tinha uma grande aderência com ela. Queria compreender os sentimentos dos adolescentes na preparação para a iniciação sexual. Neste caso, a pesquisa qualitativa seria a mais indicada para se trabalhar o fenômeno, já que não podemos quantificar sentimentos, significados, simbologias, desejos. Compreender a esfera sentimental implica compreender a vivência do outro. Envolve intersubjetividade, empatia, enfim, significa estar-com-o-outro.

Segundo Minayo (2004), a pesquisa qualitativa caracteriza-se por lidar com a realidade que não pode ser quantificada e por aprofundar-se “no mundo dos significados, das ações e relações humanas”.

Mais que isso, meu objetivo não seria, em momento algum, explicar os sentimentos dos jovens no que tange à sua sexualidade, mas sim compreendê-los. A pesquisa qualitativa me permite isto, já que ela não se preocupa com causas, explicações, generalizações, princípios e leis; estando o foco de sua atenção direcionado para o específico, o particular, o individual, buscando sempre compreender o fenômeno, e não explicá-lo, enfatizando mais o processo do que o produto (MARTINS e BICUDO, 1989).

Outro ponto interessante que justifica minha escolha pelo método qualitativo é que o investigador entra em contato com o vivido, com as experiências e o falar humano, ou seja, com os discursos dos sujeitos da pesquisa. Isso coloca o pesquisador em uma posição não de neutralidade com relação ao objeto de estudo, e sim de envolvimento, de compartilhamento, a partir da imersão nos relatos dos sujeitos, buscando apreender deles significados conforme a perspectiva do pesquisador. Todo esse processo exigiu uma postura categórica de minha parte à qual deveria estar sempre atenta para a rigorosidade científica necessária em toda a pesquisa. Concordo com Triviños (1987), quando aponta que, na pesquisa qualitativa, o pesquisador tem a liberdade teórico-metodológica para elaborar seu estudo, desde que mantenha as exigências inerentes ao trabalho científico, apresentando uma estrutura coerente, consistente, objetiva e original.

Dentre as correntes filosóficas que compõem o universo da pesquisa qualitativa, optei pela fenomenologia, já que gostaria de compreender a essência da experiência vivida pelo sujeito. Trabalhar com esta abordagem foi desafiante para mim, considerando se tratar de um assunto que a princípio não estava familiarizada.

Em uma sociedade em que a fase da adolescência é alvo de estereótipos, impregnados por conceitos negativos de rebeldia, conflito, violência, agressividade, dificuldade de relacionamento com os pais, entre outros estigmas, nada mais significativo para mim do que abandonar, temporariamente, esses pressupostos e ir ao encontro do mundo-vida que o jovem tinha a me revelar.

A fenomenologia, como linha de pensamento, e não mais como teoria da aparência (visão falsa da realidade – 1764), de Lambert e Fichte, teve sua origem com o matemático e filósofo Edmund Husserl (1859-1938), no período em que vivenciara

uma crise da cultura científica. Houve, nessa época, uma oposição e ruptura com o naturalismo e o positivismo, em que se questionavam os motivos reais de se fazer ciência, as razões e as finalidades de tudo. Não se questionava a eficácia do positivismo como método de fazer ciência, mas o seu sentido para a humanidade. Os estudiosos da matemática e da física aceitavam a existência de uma consciência envolvida com o pensamento lógico; porém, acreditavam ser impossível estudá-la por ser demasiadamente subjetiva.

Husserl passa a questionar a consciência como sendo intencional, fazendo parte de um sujeito que vivencia determinadas situações, mesmo em assuntos tão exatos quanto à matemática. Ele defende, então, a construção de uma ciência para as experiências vividas, ou seja, do vivido enquanto tal; chama-a de fenomenologia – “ciência dos fenômenos”. Nesse período, Husserl entra em contato com um filósofo e psicólogo austríaco, idealista, Franz Brentano (1838-1917) que propôs um novo método de conhecimento da estrutura psíquica. Para ele, a *psiquè* sempre está dirigida para algo, é intencional e os fenômenos podem ser percebidos. O autor explora o campo da consciência e sua relação com o objeto. Husserl trabalhava justamente com o sentido deste objeto; para ele não era apenas um objeto físico, considerava a especificidade do mesmo, sua natureza, o fenômeno em si.

A fenomenologia surge, então, com a preocupação de desvelar, de tirar o véu de um fenômeno vivido por um sujeito e que tem significado para ele, que possui uma essência e o qual somente ele, que o vivencia, pode descrevê-lo tal como é.

Para Husserl, fenomenologia é a ciência descritiva das essências da consciência (MARTINS; BOEMER; FERRAZ, 1990).

Heidegger (1998), um dos precursores desta ciência e discípulo de Husserl, em sua obra *Ser e Tempo* aponta a fenomenologia como busca do sentido do ser, do existir no mundo, desvelados pelo discurso e pelo silêncio dos sujeitos.

Há uma busca da essência por intermédio do fenômeno definido como aquilo que se mostra à consciência, como resposta às interrogações que se dirigem ao sujeito. Husserl propõe a fenomenologia como a volta ao mundo vivido. Para ele é necessário voltar às coisas mesmas, apreendendo a essência do fenômeno, que não se reduz à dimensão do fato (DARTIGUES, 2000; MARTINS, BOEMER e FERRAZ, 1990). “A fenomenologia é, portanto, um pensar a realidade de modo rigoroso” (BICUDO; ESPÓSITO, 1994, p.17), onde estão presentes o fenômeno, a realidade, o mundo-vida, a consciência, a essência, a verdade, a experiência, o *a priori*, a intersubjetividade.

Capalbo (1984) pontua que fenômeno é tudo aquilo que surge para a consciência. É o que se mostra, o que se desvela para a consciência, como resultado de uma interrogação. São nossos atos intelectivos, afetivos, nossas ações, nossas lembranças, percepções, imaginações. Enfim, tudo aquilo que torna intencional à nossa consciência<sup>2</sup>.

Matos (1996) afirma que a investigação fenomenológica consiste na discriminação do que é dado imediatamente na consciência como vivência, isto é, como presencialidade vivida. Para Biff (1991), consciência é sempre *consciência* de alguma coisa, o fundamento do ato humano, um estado de alerta para o mundo. A intencionalidade é dirigir-se a algo, uma forma de estabelecer relações entre o sujeito e o objeto. Merleau-Ponty (1999, p.154) diz que o ato intencional “é a orientação da consciência em direção a objetos intencionais, é uma referência a alguma coisa com a

---

<sup>2</sup> Consciência na fenomenologia é intencionalidade, é estar voltado para algo, atentivamente.

qual minha consciência discutiu; ela arranca a consciência da contingência dos eventos”.

A pesquisa fenomenológica surge a partir de uma interrogação de algo que incomoda o pesquisador, um questionamento, uma insatisfação em relação à sua prática. Para Martins, Boemer e Ferraz (1990), o pesquisador inicia sua trajetória metodológica a partir de uma dúvida. Quando interroga, vai ao encontro do fenômeno, por meio do sujeito que experiencia a situação. Não há um problema de pesquisa, há a busca por situar o fenômeno. Neste caminho, o pesquisador busca desvelar a estrutura fundamental do fenômeno: sua essência, recheada de significados, de valores. A essência se mostra, então, como identidade do fenômeno.

Como cada momento vivido é único, na fenomenologia, a busca da verdade nunca se esgota, porque o fenômeno nunca se exaure; ele tem que ser visto sempre de novo (GRUEL citado por RIBEIRO, 2004), pois sempre que questionado, desvelar-se-á de maneira diferente.

Como enfermeira e pesquisadora, pretendia adentrar no vivido, no mundo-vida dos adolescentes, no que tange aos sentimentos que eles vivenciam no momento de preparação para a entrada na vida sexual. Cada sujeito da pesquisa, através do discurso e do silêncio, mostrou para mim seu mundo-vida, sua experiência, suas sensações e imaginações acerca do evento sexual que está por vir.

Segundo Giles (1989), mundo-vida, ou *Lebenswelt*, é o mundo cotidiano do sujeito, composto por uma base histórico-cultural concreta que, intersubjetivamente, aparece sedimentada em seus costumes, saberes, valores, modos de vida e de lidar com as situações do dia-a-dia, ou melhor, de uma realidade construída por ele e que a

fenomenologia se propõe a conhecer, indo em busca da essência do vivido, tal como ele aparece em seu cotidiano.

Para se chegar à essência do fenômeno, a fenomenologia passa por três momentos, os quais não são seqüenciais, eles se entrelaçam no decorrer da pesquisa. Em um processo de idas e vindas, o pesquisador percorre os caminhos que o levam à evidência do fenômeno.

Com a interrogação, buscam-se os relatos da experiência dos sujeitos e obtêm-se as situações vividas que foram conscientemente tematizadas por eles, permitindo-se, dessa forma, ter acesso ao seu mundo-vida (MARTINS, BICUDO, 1989), momento chamado de **descrição**.

A descrição que se mostra através dos discursos dos sujeitos e que se registra por meio da escrita é resultado do diálogo estabelecido entre o pesquisador e o pesquisado. O pesquisador espera que os sujeitos relatem, de modo preciso, o que ocorre com eles ao viver suas experiências. “A descrição é, portanto, o relato de alguém que sabe alguma coisa para alguém que não sabe. A descrição se dá na experiência do sujeito que está vivenciando aquela situação” (MARTINS; BOEMER; FERRAZ, 1990, p.145).

Para tanto, os autores acima afirmam haver um rigor metodológico ao descrever a situação tal como ela se mostra no vivido; deve-se respeitar o linguajar do sujeito, sem inferir-lhe palavras que não tenham sido ditas, de modo a alcançar a essência do fenômeno. Diz-se da fala ingênua da experiência vivida, sem reflexão. “É desta maneira que o fenômeno situado se ilumina e se desvela para o pesquisador” (MARTINS; BOEMER; FERRAZ, 1990, p.145).

No entanto, para se chegar à essência, é necessário realizar a **redução fenomenológica**, que consiste no momento em que extraímos do fenômeno aquilo que é essencial. Aquilo que se configura como primordial ao fenômeno.

Husserl chamou esse momento de *epoché*, que significa suspensão: uma maneira diferente de olhar, abandonando preconceitos e pressupostos do senso comum e mesmo do pesquisador (MARTINS; BOEMER; FERRAZ, 1990).

Por meio da variação imaginativa chega-se aos aspectos essenciais do fenômeno. Este processo inclui retornar à experiência vivida pelo sujeito e sobre ela fazer uma profunda reflexão, em que seja possível perceber as várias nuances que o fenômeno possa vir a ter, até chegar àquilo que não pode ser retirado sem a destruição do próprio fenômeno, o que possivelmente pertence à sua essência (DARTIGUES, 2000).

Capalbo aponta que

[...] é pela descrição e pela variação imaginária dos aspectos acidentais que se chega à essência ou ao invariante do fenômeno, ou do ser enquanto esse se manifesta tal como ele é em sua essência (CAPALBO, 1984, p.139).

A **compreensão/interpretação fenomenológica** visa compreender a essência do fenômeno. Neste momento é preciso se ater à necessidade de “liberar nosso olhar para a análise do vivido, que não pode ser definido, mas apenas descrito” (CAPALBO, 1996, p.42).

Para Heidegger (1998), a interpretação compreensiva requer apreensão dos significados expressos nos discursos dos sujeitos, no seu cotidiano, mediante a linguagem, o que ele chamou de *falatório*. A linguagem própria do homem – dimensão ontológica – não deve sofrer imposição técnica, destaca o autor.

Dessa forma há uma tentativa do investigador apreender o significado do fenômeno, ocorrido na perspectiva do sujeito que o vivencia. Feito isso, o pesquisador organiza uma síntese das unidades de significado que vão apontar para uma descrição consistente da estrutura situada do fenômeno.

### **3.2- O CONTEXTO DO ESTUDO: UM ENCONTRO COM OS SUJEITOS**

Acredito que o momento do encontro com os adolescentes foi um tanto quanto difícil para mim, pois trago, da minha formação profissional, pressupostos do positivismo que tentaram aflorar ao estar diante do sujeito. Foi neste instante que deixei de lado tudo que sabia acerca do fenômeno, para portar-me conforme as exigências do método. Para proceder, fenomenologicamente, foi necessário o encontro intersubjetivo entre pesquisador-pesquisado.

A intersubjetividade é a categoria central da análise fenomenológica. Para ela, estamos sempre em relação uns com os outros, sendo a verdade do ser, tendo como meio facilitador ou não dessa relação, a linguagem. A fenomenologia destaca a linguagem como forma ideal de se compreender a vida humana e a interação social, ou seja, a linguagem faz parte da realidade vivenciada cotidianamente pelos indivíduos, uma vez que é por meio dela que se comunicam. Bicudo e Espósito (1994) dizem que a verdade é facilitada pela linguagem, porque, principalmente quando falada ou escrita, existe atrás disso um padrão lingüístico conhecido que sistematiza as formas de “ver (perceber, compreender, interpretar) e falar (dizer, agir)” de sujeitos, ou comunidades específicas, que compartilham da mesma forma de linguagem. E é também dificultada

porque as palavras, os símbolos e os signos não expressam realmente o vivido que, por sua vez, necessita ser compreendido e interpretado.

A forma de o sujeito descrever sua experiência, rigorosamente como ela acontece, é através do discurso, da fala, da linguagem verbal e não verbal. Para isso, pode-se recorrer à entrevista, não como um procedimento mecânico de perguntas e respostas, mas como um encontro social, em que exista uma relação pesquisador-pesquisado apoiado em pilares de empatia, intuição, percepção e imaginação (CORRÊA, 1997).

Toda pesquisa com seres humanos requer alguns procedimentos éticos que garantam a integridade física, moral e cidadã dos sujeitos que são abordados. Portanto, após aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética da UFMG (ANEXO 1), segui categoricamente as recomendações da Resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde, que trata de questões éticas em pesquisas que envolvem seres humanos. Recorri a documentos que explicam e comprovam o consentimento de todas as pessoas que se envolveram com a fonte e análise dos dados. Foram expostos meus objetivos e afirmado meu compromisso social com os resultados da pesquisa, no intuito de promover a melhoria da qualidade da assistência aos adolescentes (BRASIL, 1996a).

A busca pelo fenômeno constitui-se, portanto, de dois momentos. Um primeiro no Município de Belo Horizonte, em que retornei ao espaço onde nasceu minha inquietação para tentar recompor o enlace por ora estabelecido entre mim e os jovens da Escola Municipal José Maria dos Mares Guia, após a aprovação da pesquisa pela Diretoria (ANEXO 2), como forma de aproximar-me do fenômeno de estudo. Um

segundo no Município de Contagem, em que estabeleci contato com os adolescentes atendidos por mim na Unidade de Saúde Centro, onde estou inserida (ANEXO 2).

Para que ocorresse uma aproximação pesquisador-pesquisado e proporcionasse uma esfera de empatia, foram realizados encontros prévios com os adolescentes. Na escola, foram realizados cinco encontros com um grupo de adolescentes formado a partir desta pesquisa em contrapartida pela contribuição e abertura da escola para a realização do meu trabalho. Doze adolescentes participaram do grupo. Foram realizadas oficinas de pintura, “dinâmicas do corpo” e jogos de perguntas e respostas. Uma experiência ímpar que possibilitou a aproximação entre o vivido e o desconhecido dos jovens os quais se sentiram incentivados a continuar a trajetória. Fruto desta iniciativa foi a parceria acolhedora da professora Linda que, com o apoio e a aprovação da diretoria, assumiu um Projeto de sexualidade, onde os alunos participam de atividades educativas relacionadas ao assunto às segundas, quartas e sextas-feiras.

Em contrapartida, na Unidade de Saúde os encontros com os adolescentes foram mais pessoais e individualizados. O primeiro contato foi através do acolhimento, momento em que eram expostas as queixas ou solicitações levadas pelo jovem. De acordo com o fluxo da unidade, a partir do acolhimento o jovem demandava consultas de Enfermagem das quais, muitas vezes, emergiam assuntos relacionados à sexualidade. E assim fui traçando caminhos que nos possibilitaram criar vínculos para posterior convite para participar da pesquisa.

Então, após esses encontros o adolescente era convidado para participar da pesquisa. Se aceito, era disponibilizado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido - TCLE (ANEXO 3). Pelo fato de os sujeitos da pesquisa serem adolescentes, que ainda

não atingiram a maioria, foi solicitado, também, o consentimento dos pais e/ou responsáveis, para a participação dos jovens no estudo (ANEXO 4).

Depois da aprovação do responsável, agendávamos a entrevista em data e local escolhido pelo sujeito. Era no momento da entrevista, após aproximação pelo diálogo, que eu definia se o jovem havia ou não passado pela experiência sexual. Vale rever o que foi colocado na fundamentação teórica deste trabalho sobre relação sexual: “[...] jovens que praticaram atos envolvendo os órgãos genitais de pelo menos um dos parceiros. A primeira ocorrência dessa prática define sua primeira relação sexual” (HEILBORN, 1999, p. 79).

Definido que não, parti para a questão norteadora: **Como você se sente ao pensar na sua iniciação sexual?** Encontrei-me com um total de quinze adolescentes: um dos encontros aconteceu na Unidade de Saúde em que atuo, seis na Escola Municipal José Maria dos Mares Guia e oito na própria residência dos adolescentes. No entanto, participaram das entrevistas doze adolescentes, já que três deles haviam passado pela experiência sexual, o que os excluía naturalmente da pesquisa (ANEXO 5).

Todos os adolescentes que participaram da pesquisa receberam um pseudônimo como forma de garantir-lhes o anonimato. Cada “novo nome” atribuído aos jovens tem um significado peculiar. Durante meus estudos, percebi que os discursos proferidos por eles aproximavam-se da linguagem transcendental da arte. Como músicas, pinturas, poesias, imagens. Foi preciso mergulhar no universo simbólico de cada sujeito para extrair deles a essência dos nossos encontros fenomenológicos. Portanto, para renomear os adolescentes que participaram desta pesquisa quis realizar uma grande fusão: o mundo-vida deles e meu mundo-vida. Para tanto, recorri a nomes de artistas

contemporâneos, uns escolhidos por mim outros sugeridos por eles. Cada jovem recebeu o nome de um artista contemporâneo cujo estilo se aproxima da característica que nele se destacou. (ANEXO 6)

Apesar de supor que sentiria dificuldades para a realização das entrevistas devido ao seu conteúdo fortemente subjetivo contrapondo minha formação arraigada no positivismo, percebi que foi muito diferente. Durante as entrevistas, houve um desprendimento de minha parte em relação aos preconceitos, aos valores preestabelecidos, aos aspectos pessoais e sociais para um verdadeiro encontro-com-o-outro.

Antes de todas as entrevistas, conversamos previamente sobre diversos assuntos variando de acordo com a abertura e o contexto do adolescente. Falamos sobre nós mesmos, sobre a família, nossos relacionamentos passados e presentes, nossos sonhos, futuro, etc. E assim, em direção à questão norteadora, questionei a todos qual definição dariam ao sexo: “o que é sexo para você?”, para que pudesse certificar ou ratificar o conceito de relação sexual. Esse cuidado foi preciso já que a maioria dos jovens considera como relação sexual a penetração do pênis na vagina, assim como foi constatado pelas respostas dos sujeitos. Dessa forma, construí com o adolescente o conceito de sexo adotado nesse trabalho e defini se o adolescente havia ou não passado por tal experiência. Com a resposta “não,” prossegui para a questão norteadora.

Foram momentos ímpares, únicos. Cada adolescente uma nova experiência. Senti-me, realmente, inteirada com o discurso do sujeito, percebendo seus detalhes mais sutis. A cada entrevista percebia as nuances entre a timidez e o desprendimento das falas, mas sempre prevalecendo a dificuldade de expor o que sentia e o que

pensava. O pouco que foi dito, o silêncio que dizia muito. Vários discursos apresentaram-se em terceira pessoa, sugerindo a sutileza de se esconder por detrás do outro. Mas eles diziam de si mesmos, era o eu velado por um assunto que, culturalmente, vem carregado de tabus.

Ao final de cada entrevista era aberto espaço para o jovem expor suas dúvidas, mostrar suas opiniões, desabafar. Foi muito interessante, porque ouvi relatos inesperados, como, por exemplo, a relação conflituosa com a mãe, o estar com o namorado sem vontade, o gostar da ex-namorada do melhor amigo, a paquera que “não me dá bola”, entre outros. Vários adolescentes fizeram perguntas sobre sexo/sexualidade como: qual a minha opinião acerca da proibição do uso de preservativo pela Igreja Católica, como se usa a pílula do dia seguinte, como funciona o ciclo menstrual, de que forma a mulher perde a virgindade, etc. Enfim, sem perder o foco do objetivo da pesquisa, os encontros-com-o-outro foram momentos ricos em experiência.

### **3.3- OS MOMENTOS DA ANÁLISE**

Para a realização da análise dos relatos obtidos pelas entrevistas, prossegui com os momentos do método da análise compreensiva do fenômeno situado descritos por Martins e Bicudo (1989), denominado análise idiográfica.

Primeiramente li as descrições, do princípio ao fim, sem querer, no entanto, interpretar ou identificar qualquer atributo ou elemento guardado em seu conteúdo. O objetivo era chegar a um sentido geral do que me foi dito pelos sujeitos da pesquisa.

Em seguida, procedi a novas leituras, agora com o propósito de captar as “unidades de significado”, por meio da **redução fenomenológica**. O olhar atento de pesquisadora e enfermeira possibilitou-me aproximar do mundo-vida dos adolescentes e apreender dos seus discursos aspectos que respondiam à questão norteadora do estudo e evidenciavam a mostraçãõ do fenômeno situado.

As unidades de significado foram sublinhadas e numeradas com algarismos romanos de forma seqüencial nos relatos dos adolescentes. Os algarismos que se repetem num mesmo discurso referem-se ao mesmo assunto e, portanto, possuem sentidos semelhantes.

Após a organização das unidades de significado, passei para um terceiro momento, retomei uma a uma e expressei o sentido que lhes fora atribuído de uma maneira diferente: transformei a linguagem ingênua do sujeito em uma linguagem científica articulada, de modo a permanecer o mais fiel possível às idéias presentes nos discursos. Para demonstrar o caminho percorrido nesse processo deixo anexo o primeiro e o último discursos exemplificados. (ANEXO 5)

Feito isso, realizei a convergência das unidades de significado transformadas, ou seja, agrupei aquelas unidades que eram semelhantes nos discursos, que continham sentidos comuns em seus aspectos significativos. Esse processo me permitiu convergir para cinco temas de análise, que são:

- **Dificuldade de falar sobre sentimentos**
- **Pensar no desconhecido**
- **Sentimentos aflorados**
- **A influência da família no comportamento do adolescente**

- **Pensando nas conseqüências pós-sexo**

Finalmente, reordenei todos os temas de análise e mediante uma nova redução, imbuída de *insights*, cheguei às categorias de análise, melhor dizendo, à estrutura do fenômeno.

**I- Dificuldade de falar sobre sentimentos**

**II- Sentindo a chegada da primeira vez**

- Pensar no desconhecido
- Sentimentos aflorados

**III- A influência da família no comportamento do adolescente**

**IV- Pensando nas conseqüências pós-sexo**

Elaboradas as quatro categorias, a análise interpretativa foi o passo seguinte e se fundamentou na reflexão daquilo que se desvelou e se escondeu nos discursos dos sujeitos. Para proceder a essa etapa, foi necessário que eu retornasse ao que fora deixado de lado *a priori*: minhas pressuposições, meus construtos teóricos, e num diálogo esclarecedor e empático busquei sustentação nos pressupostos teóricos e filosóficos, imprescindíveis à elucidação da essência do fenômeno.

## 4- UM CAMINHAR PARA COMPREENSÃO

### 4.1- DIFICULDADE DE FALAR SOBRE SENTIMENTOS

#### *A chave*

*E de repente  
O resumo de tudo é uma chave.  
A chave de uma porta que não abre  
Para o interior desabitado  
No solo que inexistente,  
Mas a chave existe.*

*A porta principal, esta é que abre,  
Sem fechadura e gesto.  
Abre para o imenso.  
Vai-me empurrando e revelando  
O que não sei de mim e está nos outros.*

*E aperto, aperto-a, e de apertá-la,  
Ela se entranha em mim. Corre nas veias.  
É dentro em nós que as coisas são,  
Ferro em brasa – o ferro de uma chave.*

*(Carlos Drummond de Andrade)*

Ao elaborar o projeto já havia refletido sobre o grau de dificuldade que haveria para a realização desta pesquisa devido ao alto teor intimista contido no fenômeno. São questões extremamente profundas, situadas no âmago do ser humano: os sentimentos, o eu, a sexualidade, o sexo. Ir em busca da compreensão dos sentimentos humanos, de forma particular dos adolescentes, foi uma tarefa um tanto árdua. Em contrapartida, misteriosamente prazerosa porque a cada entrevista, a cada leitura e releitura dos discursos o fenômeno ia se desvelando, iam transparecendo suas entranhas mais contidas. O fato de supor as possíveis dificuldades advindas deste processo, em momento algum, deixou-me desviar e desistir. E fui em direção ao

fenômeno, prossegui em direção àquilo que me inquietava, o encontro com o mundo-vida do adolescente, os sentimentos aflorados no processo de iniciação sexual.

Partindo do nosso próprio mundo-vida, podemos concluir que expor sentimentos, de uma maneira geral, é algo extremamente complexo e difícil. Se pensarmos nessa dificuldade sobre assuntos atrelados à sexualidade, deparamos-nos com uma verdadeira “caixa-forte” que precisa de senha para ser acessada. A este fato, acrescesse a complexidade de tratar da sexualidade dos adolescentes, os quais estão em pleno processo de estruturação psicossocial, quando os conflitos internos e externos dificultam a elaboração das idéias acerca dos aspectos sexuais, que o diga “externalizá-los” pela fala. Enfim, ouvir as respostas vindas dos jovens após a questão norteadora tornou-se um verdadeiro desafio. No entanto, paulatinamente, notei que nenhum dos dificultadores foi capaz de impedir que o fenômeno se desvelasse, e ele se desvelou.

Para isso foi preciso recheiar nossos encontros de descontração, de liberdade, de um “poder se expor” sem preconceitos, de fazer deles uma troca. Eu também colocava minhas experiências, meu mundo-vida quando abordávamos nossos relacionamentos pessoais, porém, em momento algum, inferi opiniões que pudessem influenciar a revelação do fenômeno. E foi assim que construí um espaço livre, liberto, fluido, um solo propício para os jovens se colocarem, se abrirem e exporem seus sentimentos.

Mas hei de admitir que, com todo esforço para possibilitar o aconchego das “palavras da intimidade”, os discursos dos adolescentes oscilavam entre um mostrar-se e um esconder-se, uma vontade de falar, enquanto a correnteza do íntimo preferia se calar. Compreendi o quanto se esforçaram para driblar seus conflitos internos para tentar se encontrarem e então, expressarem o que sentem. A questão norteadora fez

emergir dos jovens aspectos peculiares à vivência de fatores em transição que ainda apresentam-se obscuros a eles mesmos. Ao perguntar-lhes “*Como você se sente ao pensar na sua iniciação sexual?*”, havia algo que parecia inibi-los. Se por ora houve empatia, sentiam-se livres para falar sobre sexo e assuntos da intimidade, as palavras *sentir* e *pensar* da questão norteadora parecem ter atropelado as idéias articuladas por eles.

Parar para pensar no que se sente sobre a primeira relação sexual pareceu algo realmente muito confuso. Algumas jovens se embaraçaram tentando elaborar o pensamento projetado para o futuro.

*[...] Como assim? Ah, eu penso assim: que no dia que [...]* (interrompe bruscamente) *Difícil, viu? Muito difícil. [...]* **(Tiana, 14 anos)**

*[...] Ai sei lá. Nem sei [...]* *É uma coisa assim [...]* *Como eu me sinto, sinto assim num sei não [...]* **(Ivete, 12 anos)**

Vander, por exemplo, não soube definir se o que pensa ao imaginar sua primeira “transa” é um sentimento ou se pensa nos detalhes mais concretos do ato, como: o local e a pessoa.

*[...] É difícil demais para falar isso, né? Talvez a gente não pensa demais assim [...]* *Como será o momento, né? É uma coisa assim muito difícil de se pensar. Talvez você pensa com quem, às vezes [...]* *O local, né? Qual seria mais ideal. É uma coisa mais assim. Eu penso assim. Eu me sinto [...]* *Difícil de falar assim [...]* *O sentimento. Não sei se a palavra às vezes é um sentimento, entendeu? [...]* **(Vander, 15 anos)**

Considerando que o fenômeno esteve situado no mundo-vida do adolescente, além das dificuldades de expressar os sentimentos, emergiu dos discursos a dificuldade do “falar de si”. Neste ponto há duas considerações a serem feitas: a primeira é que,

independente da fase da vida em que estejamos, é difícil falar de nós mesmos. Mais uma vez, recorro à nossa compreensão e convido a refletirmos acerca de nós mesmos e, de maneira participativa, dialogar com a dissertação na prerrogativa de consentir o quão é difícil falar dos nossos medos, de nossas angústias, de nossas fraquezas... São raros os momentos que ousamos despir nosso *eu* para deixar fluir nossos sentimentos mais profundos ligados a nossa sexualidade, algo tão singular. A segunda consideração é que, para o adolescente, além de ser difícil se reportar a eles mesmos, existe o temor de perceber-se e falar de si. Como dizia o velho ditado “o ouvido mais próximo da boca é o nosso”. O adolescente teme o desconhecido de si. Levisky (1995, p.30) explica claramente esse temor quando escreve sobre o conflito vivido pelo jovem na passagem da infância para o mundo dos adultos em que “[...] apesar de desejar atingir a vida adulta impelido que é pela força maturativa, teme o desconhecido que existe dentro de si”. Assim, o adolescente falar dele mesmo culminou com a surpresa de assimilar o “sentir” e o “pensar” da questão norteadora, além do lidar com a sua realidade conflituosa, transformando-a em linguagem discursiva, falada. Esse despreparo é esperado na fenomenologia que deseja registrar a fala ingênua do sujeito. E quanta ingenuidade!

Alguns dos sujeitos chegaram a burlar a barreira do “falar de si” com o artefato de se colocar camuflado entre os outros “a gente”, ou no próximo, “você”. Falavam de um conjunto, “a gente” ou um “você” quando, na verdade, estavam referindo-se a si mesmos. Conforme Heidegger (1981, p. 51)

Exatamente pela razão do “a gente” apresentar todos os julgamentos e decisões como propriedade sua, ele priva cada ser-aí de sua própria responsabilidade. [...] Desta feita, em sua cotidianidade, cada ser-aí é *aliviado* pelo “a gente”.

Ficou mais confortável estar no meio de outros e não, necessariamente, assumir a posição do “eu”.

*[...] Talvez cê tá ficando com a pessoa, né? É vê [...] talvez, como que era estar já no ato sexual. Porque cê tá, talvez na noite, nessa festa pode acontecer [...]. (Vander, 15 anos)*

*[...] A gente vai começar ainda, então fico constrangida, né? Porque a gente num conhece ainda [...] (silêncio longo). De vez em quando eu fico conversando com as minhas colegas lá. A gente até acaba zutando, brincando com isso, mas aí eu chego e viro pra elas e falo “não” porque a gente num conhece, né? Aí num sabe como que é [...] (Lupita, 12 anos)*

*[...] Ah, na mesma hora que você se sente assim, sabe? É, como, por exemplo, assim com ansiedade de chegar rápido a hora, sabe? A gente se sente assim com um pouco de medo. [...] (Mia, 12 anos)*

*[...] Sei lá. Na mesma hora que a gente pode ficar feliz, a gente pode ficar triste. Porque a gente num sabe se uma pessoa tá com doença e a gente pode pegar, mas ah, ai sei lá. Nem sei. É uma coisa assim. Porque antes da gente fazer assim tem fazer exame, porque a pessoa assim, a gente num conhece a pessoa direito e já vai com a pessoa errada. [...] (Ivete, 12 anos)*

*[...] Você tem um medo, mas também tem a vontade. Você fica meio com pé atrás antes de ter pensado nas doenças que você pode assim [...] Que você pode transar assim do nada, tudo sem camisinha [...] (Tony, 16 anos)*

*[...] Imagina se você vai e você gera um filho com a menina lá. Eu acho que isso tá errado. Você tem que ter consciência daquilo que você tá fazendo, entendeu? [...] (Falcão, 13 anos)*

E assim foi: um incessante ir e vir do eu e do outro num discurso que esforçava-se em se proteger de toda e qualquer possibilidade de sentir-se despido diante de uma “desconhecida”, eu, a pesquisadora. A sensação que tive foi que eu tentava desnudar os pensamentos dos sujeitos, para perceber a dimensão da imagem refletida pelo discurso. E mergulhei na fenomenologia. No fundo, mais do que a mim, os sujeitos

temiam des-cobrir eles mesmos. Mais uma vez reforço o receio do adolescente em perceber-se. “[...] sabemos que nem sempre, ao se mirar, o adolescente aceita o que vê. A imagem refletida, às vezes, é negada, ignorada ou até guardada em algum lugar desconhecido dentro dele, ressurgindo, ou não, tempos depois.” (SERRÃO E BALEEIRO, 2000, p.4)

Quanto ao tema sexo que em determinados contextos vem carregado de tabu, não houve grandes barreiras para lidar com ele. Como dito, ao longo dos encontros e com o desenrolar das entrevistas, foi possível proporcionar um ambiente favorável para que o jovem se sentisse à vontade para falar, embora a minoria tenha demonstrado timidez para abordar questões relacionadas a sexo.

Durante os contatos anteriores, notei que o assunto faz parte do cotidiano dos adolescentes e mais, falar sobre sexo provoca um imenso prazer e muita curiosidade. Entre eles, dialogar sobre relações sexuais parece despertar desejos, provocar sensações prazerosas, descobrir mistérios sobre o eu-que-deseja. Porém, devo chamar a atenção para um fator importante: há uma distância considerável entre o prazer em conversar sobre sexo com os colegas e amigos e o constrangimento de falar sobre sexo com os pais e/ou familiares. Embora o tema sexualidade, mais especificamente o sexo, tenha adquirido uma amplitude inegável enquanto desenvolvimento científico passando a ocupar espaços sociais antes impenetráveis como, por exemplo, a escola e a sala de estar, seu sólido vínculo com a moral proibitiva ainda impede adentrar em seus detalhes no ambiente familiar. Apesar de se reservarem dos adultos, principalmente da família, para falarem em sexo, entre os membros do grupo e com amigos eles se sentem completamente livres para realizarem qualquer tipo de comentário, seja de caráter sério, informativo, interrogativo, seja com aquela pitada de

brincadeira, “zoação”, como dizem. Foi assim que me senti, como parte integrante dos pares. Ouvi, respondi, perguntei, registrei e redistribuí cada momento dos nossos encontros fenomenológicos.

Desta forma, observei que os adolescentes selecionam o que e com quem vão assumir e discutir aspectos relacionados a sua sexualidade. Acredito que, em relação aos objetivos da pesquisa em compreender os sentimentos eminentes do processo de iniciação sexual, foi possível adentrar nesse universo e extrair os aspectos essenciais do fenômeno. Entre silêncios e poucas palavras, o ser-em-descoberta-sexual pode situar-se no horizonte futuro e declarar seus sentimentos. E foram mesmo poucas palavras. Ao realizar as primeiras entrevistas, cheguei a pensar na minha dificuldade em extrair delas o fenômeno, mas no decorrer das demais, percebi que por trás dos pequenos discursos habitava uma grandeza de significados, uma enorme carga de simbologias, afetividade, um caminhar para a verdade.

Por fim, seria em vão analisar esta categoria e explicitar cada fator que sobejas às dificuldades enfrentadas durante as entrevistas se não a encerrasse com o propósito de tentar desatar as amarras dos silêncios. E foram muitos. No entremear das palavras, ora conectas, ora soltas, o silêncio se impunha. Era a maneira que os sujeitos encontravam de escapar daquilo que é confidencial a eles mesmos. As expressões da sexualidade estão, muitas vezes, apreendidas no interior do eu, que nem o próprio ser é capaz de codificar as simbologias agregadas em sua estrutura existencial. E por diluir-se na existência humana e estar relacionada a vários de seus aspectos, Merleau- Ponty (1999, p. 232) afirma que “a sexualidade esconde-se a si mesma sob uma máscara de generalidade, sem cessar ela tenta escapar à tensão e ao drama que ela institui”. Todas as entrevistas foram permeadas de momentos sólidos e fluidos, houve palavras

e gestos, boca e ouvidos, olhos e sensações. O silêncio perpassou por todas elas. Um todo, palavras e silêncios, que construíram cada discurso dessa dissertação (ANEXO 5), pois de acordo com Foucault (1988, p. 30):

[...] não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de descrição é exigida a uns e outros.

Além do mais, não existe apenas um silêncio, mas muitos e eles são parte integrante das estratégias que apóiam e atravessam os discursos. Na tangente da lucidez de cada sujeito, eles piscaram, gaguejaram

*Como eu me sinto, sinto, sinto assim num sei não. (Ivete, 12 anos)*

Se precipitaram

*Ah, eu fico com um pouco de medo. Só. (Silêncio longo) (Carolina, 12 anos)*

Se embaraçaram

*Como assim? Ah, eu penso assim: que no dia que (interrompe bruscamente a frase e continua). Num vô falá que já não me deu vontade [...] (Tiana, 14 anos)*

Se confundiram

*Como eu me sinto? Assim igualzinho, como assim? Como eu vou pensar nisso? Como eu vou sentir? (Silêncio) (Falcão, 13 anos)*

Se perderam

***Fala pra mim, Lupita, como você se sente ao pensar na sua iniciação sexual?***  
(Silêncio). *Hum... (fica pensativa e pergunta). Como assim? (Lupita, 12 anos)*

Riram, esconderam e silenciaram. Porém nada disso escapou ao olhar atento e sentidos afiados do modo simples de me comportar como sujeito da ação fenomenológica. E ouvi os silêncios. Eles disseram muito... O verdadeiro encontro com

o outro foi fundamental para captar as mensagens embutidas nos gestos, nos olhares perdidos, nas risadinhas tímidas. Durante as entrevistas foi preciso um olhar mais atencioso, uma cabeça inclinada, as mãos sobre o colo, uma tentativa constante de demonstrar a disponibilidade em ouvir, em acolher.

É por meu corpo que compreendo o outro, assim como é por meu corpo que percebo as “coisas”. Assim, “compreendido”, o sentido do gesto não está atrás dele, ele se confunde com a estrutura do mundo que o gesto desenha e por minha conta eu retomo, ele se expõe no próprio gesto. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 253)

E, realmente, encontramos-nos. No ir e vir das palavras salteava um silêncio que dava continuidade ao que acabara de ser dito.

*[...] Tipo a primeira menstruação mesmo ela falou um tanto de coisa comigo que isso, aquilo, aí eu fico pensando no que minha mãe falou. (silêncio) Ah, será que vai acontecer? Aí eu sempre penso alguma coisa assim [...]. (Carolina, 12 anos)*

O silêncio presente no discurso referia-se às orientações da mãe que relaciona o fato de a filha menstruar à possibilidade de gravidez. Apesar de não concluir a frase o estar-com-o-outro possibilitou inferir o que queria ser dito.

As “meias palavras” que se encabularam pelo teor intimista em temer a não ereção do pênis no momento do sexo, ficaram implícitas no discurso de Vander:

*[...] Até pra preocupação, né? Do (pequena pausa) “não conseguir” [...]. (Vander, 15 anos)*

Em vários momentos das entrevistas houve gestos insinuando existir mais algo a ser dito; porém, o silêncio prevalecia.

Nem tudo veio à tona. Na borda permaneceu o silêncio dos gestos e olhares, uma finalização precipitada, um “só isso”, a voz contida pela imensidão dos pensamentos miúdos e dos sentimentos indecifráveis.

Por fim, faço das palavras de Merleau-Ponty, as minhas

[...] a ipseidade nunca é atingida: cada aspecto da coisa que cai sob nossa percepção é novamente apenas um convite a perceber para além e uma parada momentânea no processo perceptivo. Se a coisa mesma fosse atingida, doravante ela estaria exposta diante de nós mesmos e sem mistério. Ela deixaria de existir como coisa, no momento mesmo em que acreditaríamos possuí-la. Portanto, o que faz a “realidade” da coisa é justamente aquilo que a subtrai à nossa posse (MERLEAU-PONTY, 1999, p.313).

## 4.2- SENTINDO A CHEGADA DA PRIMEIRA VEZ

*“Se minha mão tateia no vazio de um quarto escuro,  
desenho um barco a navegar nos mares do futuro.  
Enquanto a estrela tece a hora certa de acordar,  
desejo mais que tudo encontrar...”*

(Vander Lee)

### 4.2.1- Pensar no desconhecido

Por se tratar de uma pesquisa na qual o fenômeno aparece numa perspectiva futura, os adolescentes tiveram que passar por um pequeno instante de introspecção. É bem provável que após as entrevistas os adolescentes tenham continuado o processo reflexivo; mas foi delas que emergiram as falas ingênuas dos sujeitos, sem grandes reflexões, apesar de naquele momento terem parado para pensar. Pedro elucida essa necessidade:

*[...] juro que nem parei pra pensar nisso não. Tou pensando agora [...]. (Pedro, 15 anos)*

E no pensar na iniciação sexual, puderam sentir o que há por vir. O teor imaginativo de cada adolescente proporcionou a eles a capacidade de levar o corpo e a mente numa viagem para o futuro. Era preciso pensar, imaginar um futuro relacionamento sexual para, a partir daí, elucidar os sentimentos advindos dessa sensação. As relações temporais de presente e futuro não pareciam muito nítidas para alguns dos sujeitos da pesquisa. Por ser um processo, alguns sujeitos estavam mais próximos ou menos próximos da iniciação sexual e, para o fenômeno, o fator da temporeidade não foi o significativo. Se estão próximos ou distantes da primeira relação

sexual, não foi o centro de minha inquietude investigativa. Até porque o fator tempo, para os jovens, é algo bastante relativo. Levisky escreveu sobre isso:

[...] para a maioria dos jovens, a noção de tempo encontra-se deturpada. Para o tempo existente é o momento, o presente, sem perspectiva. Negando o passado, e o futuro imediato é sentido como longínquo. Mas o distante podem parecer-lhes imediato. (LEVISKY, 1995, p. 45)

*[...] Como eu me sinto? Assim igualzinho, como assim? Como eu vou pensar nisso? Como eu vou sentir? Eu vou assim [...]* **(Falcão, 12 anos)**

*[...] Ah, como eu me sinto? Quando eu penso nisso? [...]* **(Samuel, 20 anos)**

A fala de Levisky juntamente com os relatos dos sujeitos nos faz refletir o quão complexo foi para o adolescente “prever”, sentir a vivência do sexo, ainda inexistente como prática em suas vidas. Ivete, por exemplo, tenta construir uma ponte entre presente e futuro, afirmando que algum dia ela irá experimentar o sexo, um dia ele vai fazer parte de sua vida, mas ao mesmo tempo deixa solta a imaginação e conclui a entrevista com poucas palavras.

*[...] Um dia vai, vai ter. Hoje [...]* *Mas sei lá. O que vem na minha cabeça assim é isso mesmo [...]*. **(Ivete, 12 anos)**

A fala de Tony ilustra sua tentativa de sentir o não-vivido e revela sua curiosidade em vivenciar sua primeira vez.

*[...] Sinto uma coisa diferente, né? Um campo que a gente não conhece, a gente fica meio, nó! [...]* *Aí até hoje eu não tive essa sensação ainda de poder ter a primeira relação. De um tudo é meio assim ainda suspense na nossa vida. [...]* *Será que é? Como deve ser a primeira vez? Fica meio suspense na nossa vida. [...]* **(Tony, 16 anos)**

Ele pressente momentos de prazer com a chegada do sexo e deixa a imaginação saltitar entre os pensamentos sexuais. Suspira...

*[...] Uma sensação gostosa que você fala assim. Ah [...]* (suspiro)

**(Tony, 16 anos)**

Cavalcanti (1993) ajuda-nos a esclarecer essa temática do pensar e sentir, quando afirma que “há uma coerência entre o que a pessoa ‘pensa’ e o que a pessoa ‘sente’. Na verdade, ninguém pode ter sentimentos sobre objetos que não existem em seu universo psicológico”. Apesar de ainda não ser uma prática, o sexo já faz parte do cotidiano dos adolescentes. Na rodinha com os amigos, na tv, nas ruas, escola e internet, o montante de informações sexuais preenche grande parte dos “bate-papos” reais e virtuais dos jovens de hoje. Assim, formam um arsenal de sensações e significados relacionados ao sexo aos quais precisaram recorrer para vislumbrar a primeira vez. A partir de então, puderam me dizer o que sentem quando pensam nisso.

Portanto, ao projetar a sensação de viver uma relação sexual os jovens resgataram de suas histórias episódios que os remetiam à reflexão do que é fazer sexo. Dentro desse *universo psicológico* de cores, imagens, estratégias e idéias eles tentaram traçar a trajetória afetiva-sexual para exporem seus sentimentos.

Zélia, por exemplo, ensaiou algumas suposições do que acha que vem a ser sexo e qual a relação que este conhecimento terá com sua futura vivência. E pôs-se a imaginar:

*[...] Às vezes tem que pensar também como isso vai acontecer. Não sei dessas coisas, né? Eu fico lá na minha cabeça, até eu me perguntar se vai ser assim [...] Será que isso é isso? Que aquilo é isso, num sei direito. Se é bom, entendeu? Num sei [...].* **(Zélia, 12 anos)**

Avril, além de supor situações, não sabe como será sua reação na hora do ato sexual e fica se perguntando como será esse momento, como vai ficar.

*[...] Tem vez que eu me pergunto como que eu vou querer ficar. Saber como é que eu vou fazer, né? Minhas colegas já me perguntam como é que você vai fazer quando você ver? Eu num sei. [...]* **(Avril, 18 anos)**

Já Lupita admite sua insipiência sobre questões relacionadas ao sexo e troca experiências com as colegas como forma de se inteirar sobre o assunto. Demonstra-se receosa diante do desconhecido e o fato de não saber sobre sexo seria um motivo para negá-lo neste momento de sua vida.

*[...] A gente vai começar ainda, então [...] Porque a gente num conhece ainda [...]. De vez em quando eu fico conversando com as minhas colegas lá. A gente fica até, acaba zuando, brincando com isso, mas aí eu chego e viro pra elas e falo - “não”. Porque a gente num conhece, né? Aí num sabe como que é [...].* **(Lupita, 12 anos)**

Foi interessante perceber que, no desenrolar das entrevistas, os olhares perdidos, as risadinhas, os silêncios deixaram transparecer, senão, o momento imaginativo, a busca por elucidar as sensações advindas com a chegada do sexo em suas vidas.

#### **4.2.2- Sentimentos aflorados: uma perspectiva fenomenológica**

Por experiência direta, todos sabemos o que são sentimentos. Talvez a maioria das pessoas não saberia contextualizá-lo, mas nos daria idéia de como eles se manifestam e de seus efeitos na vida. Todos têm um conhecimento intuitivo imediatamente vivido desta dimensão básica da existência.

Para análise desta categoria foi fundamental partir desta prerrogativa, pois ao considerarmos os modelos epistêmicos no estudo dos afetos - modelo explicativo, modelo interpretativo, modelo compreensivo (Romero, 2001), o presente trabalho

estabelece o modelo compreensivo no qual o significado e sentido do fenômeno estão relacionados às experiências e vivências dos sujeitos entrevistados. É o que Romero (2001) chama de compreensão intuitiva, aquela em que é possível captar de maneira direta o que acontece em nível subjetivo, embora nem sempre seja possível saber etiquetar e conceitualizar o que sucede neste plano. Além da intuitiva, foi preciso recorrer à compreensão empática, trabalhada por Jasper (1928) citado por Romero (2001), tão indispensável para entender o mundo-imaginário descrito pelos jovens.

Não pretendo, portanto, neste estudo definir ou caracterizar cada sentimento emergido dos discursos dos adolescentes, mas sim direcionar uma perspectiva compreensiva acerca deles. Para tanto, não poderia deixar de buscar apoio no arsenal teórico da psicologia a qual, ao longo dos anos, vem tentando compreender o lado afetivo do ser humano. Devo salientar que na Enfermagem, apesar de o afeto ser algo intrínseco ao cuidado que prestamos e recebemos, o conteúdo teórico deste tema é bastante escasso. Já, na psicologia, encontramos uma vasta literatura tratando de questões emocionais, afetivas e sentimentais embora a maioria apresente-se pobremente organizada em matéria de metodologia, taxonomia, pesquisa original e verdadeira compreensão dos fenômenos afetivos, conforme afirma Romero (2001).

Este mesmo autor, de acordo com sua caracterização fenomenológica da afetividade, dispõe os sentimentos como fazendo parte de quatro modalidades afetivas: as emoções, as paixões, os sentimentos e os estados de ânimo. Essas modalidades imiscuem-se no viver humano e transpondo-se umas nas outras, vão compondo nossa esfera afetiva. Acrescenta que os sentimentos são afetos adquiridos no processo de socialização humano. Eles revelam a maneira de ligarmos e comprometermos com

objetos e com as pessoas. Ligamos-nos positivamente pelo amor, admiração, respeito entre outros. Ligamos-nos negativamente pela inveja, desprezo e ódio, por exemplo.

Para fins compreensivos, não adotei distinção entre o que chamamos de emoções de sentimentos já que para compreender a essência do fenômeno desvelado não foi necessária essa separação.

Os sentimentos que surgiram das falas dos adolescentes foram: *o medo, o receio, a ansiedade, a insegurança, a preocupação, a vergonha e o desejo.*

### **O medo...**

De todos os sentimentos aflorados o *medo* se destacou entre eles. O *medo* caracterizou-se como a essência do fenômeno em estudo na medida em que se tornou o ponto de interseção entre os sentimentos de insegurança, ansiedade, receio, preocupação e vergonha.

O sentimento de *medo* em si é traduzido pela “[...] reação psicofísica de aflição que se experimenta perante uma situação que nos ameaça, caracterizando-se como uma reação natural de defesa [...]”, conceitua Romero (2001, p. 70) . Esse medo-ameaça emergiu das falas trazendo o componente discutido na categoria quatro (*preocupando-se com a prevenção*), revelado pelo *medo* de uma gravidez e o *medo* de adquirir uma DST. O fato de sentirem *medo* diante da aproximação do sexo surge como uma forma de protegê-los desses eventos indesejáveis.

*[...] A gente se sente assim com um pouco de medo. Medo de chegar dá alguma coisa errada, porque assim sei lá, alguma coisa, sabe? Tá com alguma doença, engravidar [...]* **(Mia, 12 anos)**

*[...] Você tem um medo, mas também tem a vontade. Você fica meio com pé atrás antes de ter pensado nas doenças que você pode pegar. Que você pode transar assim do nada, tudo sem camisinha.[...]* **(Tony, 16 anos)**

No entanto, em várias entrevistas apareceu a palavra *medo*, mas o significado do sentimento expresso trouxe outra conotação: o sentimento de *ansiedade* e *receio*. Através da análise dos discursos foi possível captar particularidades destes *medos* que demonstram claramente essa distinção. Numa linguagem cotidiana é comum confundirmos esses sentimentos já que a palavra *medo* parece mais próxima do nosso vocabulário corriqueiro.

### **O receio...**

Houve *receio* dos rapazes em não apresentar um bom desempenho sexual na primeira “transa” já que nunca a experimentaram. E *receio* das moças caso suas mães descobrissem que fizeram sexo.

Quando Vander declara sentir *ansiedade* ou *medo* de falhar na “hora H”, quer dizer que tem *medo* de “não conseguir”. Na verdade, ele demonstra o *receio* de não atingir a ereção do pênis no momento do ato sexual.

*[...] O sentimento talvez seja de ansiedade. Talvez o momento [...] Até pra preocupação, né? Do “não conseguir”, talvez aquela toda teoria e não ser posta em prática, né? É de ansiedade. Dá um medo, mais é ansiedade [...]. (Vander, 15 anos)*

Tony utiliza a palavra “ressabiado” para definir seu *receio* caso não obtenha uma boa performance sexual. Preocupa-se, também em satisfazer a sua parceira demonstrando desenvoltura no ato.

*[...] Um campo que a gente não conhece, a gente fica meio, ressabiado, nó! Será que eu vou conseguir? Será que a outra pessoa vai gostar? Não vai gostar. Fico meio indeciso.[...] (Tony, 16 anos)*

Já Pedro fala abertamente sobre seu *receio* de “brochar” na primeira vez

*[...] Ah, sei lá sô! Penso numa porrada de coisa. Se for na hora assim e aí não der nada. Ah, se num agüentar muito, se frochar. Ou se não eu nem, nem tiver ereção. Aí é foda! Ah (risos) Nossa Senhora! [...]. (Pedro, 15 anos)*

Essas posições refletem o padrão de masculinidade esperado dos jovens, onde há ênfase na aquisição do aprendizado técnico do sexo, campo estranho aos entrevistados. Há uma valorização da virilidade que gera um sentimento de força e poder na definição da sexualidade masculina. Cria-se uma tônica sobre a qualidade do “ensaio” na primeira “transa” e, portanto, eles temem decepcionarem-se com as expectativas criadas envolta do desempenho sexual.

Por outro lado, o receio das moças - Carolina e Tiana - refere-se à influência significativa da figura materna sobre seus pensamentos e sentimentos, conforme veremos na categoria três (*A influência da família no comportamento do adolescente*).

### ***A ansiedade...***

Quanto à *ansiedade*, representada principalmente pelo desejo sexual, aparece pela vontade avassaladora de desvendar os prazeres advindos do sexo.

Mia admite sua vontade de iniciar-se sexualmente, admite sentir desejos de ter sexo o quanto antes, mas se reserva devido ao *medo* que tem de engravidar ou adquirir uma DST.

*[...] Ah, na mesma hora que você se sente assim, sabe? É como, por exemplo, assim com ansiedade de chegar rápido a hora, sabe? A gente se sente assim com um pouco de medo. Medo de chegar dá alguma coisa errada. Tá com alguma doença, engravidar [...]. (Mia, 12 anos)*

Já Tiana demonstra desejo sexual pelo namorado. Em nossos contatos prévios revelou que teve muitas oportunidades de relacionar-se sexualmente com ele, porém isso não ocorreu.

*[...] Num vô falá que num já me deu vontade não porque, né? [...].*  
**(Tiana, 14 anos)**

Tony presente a sensação de prazer ao fazer sexo e suspira de desejos em concretizá-lo.

*[...] Uma sensação gostosa que você fala assim. Ah! (suspiro) [...]*  
**(Tony, 16 anos)**

Essas falas vêm corroborar a idéia de que é natural que os eventos e situações que nos interessam de modo especial, ou aos quais outorgamos um significado destacado, suscitam em nós uma sensação excitante. Isto é mais marcante ainda quando se trata dos primeiros eventos que nos abrem as portas para um plano até então esperado e desejado – a primeira “transa”.

### ***A insegurança...***

O sentimento de *insegurança* também se destacou nos discursos. Ele se desvelou a partir de quatro nuances: o despreparo para o ato sexual, a timidez, a “hora certa” de ter a primeira relação sexual, a idealização da “pessoa certa” para ter a primeira vez.

A *insegurança* causada pelo despreparo para o ato sexual também se configura pelo *receio* vindo das falas de Vander, Tony e Pedro sobre o que já discutimos acerca da virilidade. Porém, seria engano pensar que a insegurança quanto à performance sexual fosse uma preocupação emergida meramente dos discursos masculinos. Tiana também se preocupa com o que vai acontecer durante o ato da primeira experiência sexual. Declara abertamente que se sente insegura.

*[...] Num vô falá que num já me deu vontade não porque, né? Sei lá. Mais, ah eu fico muito insegura, essas coisas. [...]* **(Tiana, 14 anos)**

Apesar de o namorado insistir no sexo, Tiana não se sente preparada, quer dizer, sente-se insegura para se entregar, nega seu desejo ao parceiro.

A *insegurança*, eminentemente, presente na timidez veio culminar com os discursos de Samuel e Avril. Ambos se mostraram bastantes tímidos durante os contatos prévios e ao longo das entrevistas.

Samuel, embora ratifique várias vezes em sua fala que se considera uma pessoa normal, assume no final que se acha muito tímido e que necessita melhorar este seu aspecto para que se possa envolver afetivamente com uma parceira. No fundo, ele demonstra a necessidade de se sentir mais seguro para conseguir levar a cabo uma relação sexual.

*[...] na verdade eu sou muito tímido, mas assim é lógico que eu tenho que melhorar isso, né? Pra poder iniciar minha vida sexual, vida amorosa com a pessoa e procurar fazer com a pessoa [...]*  
**(Samuel, 20 anos)**

A timidez reflete obstáculos na aproximação com o sexo oposto. Os momentos iniciais de contato com o mundo feminino pela conquista de parceiras revelam-se altamente tensos e cheios de expectativas. As situações de desconforto com a demanda social do gênero masculino são inúmeras. A timidez é, assim, um caso exemplar de atributo negativo, impeditivo de sucesso na esfera da sedução, conquista e desempenho sexual.

Decerto que para Samuel driblar sua timidez é social e pessoalmente mais complexo e desafiador do que para Avril cuja timidez transparece em todo seu discurso. Os “roteiros” do gênero feminino colocam-na numa posição menos desfavorável, ela será seduzida pelo parceiro. Até porque, no caso de Avril, a sensação de “falta de coragem”, ou seja, de *insegurança* não está ligada às questões de conquista e sim à

vergonha que sente em mostrar seu corpo e o receio da intimidade corporal no sexo, como veremos adiante.

A *insegurança* gerada pela imprecisão em definir o momento certo para ter a primeira relação sexual, muitas vezes cria uma esfera de labilidade no jovem: deve prevalecer a percepção do próprio jovem que chegara a hora da primeira transa ou ele deve considerar as imposições sociais quanto à idade aproximadamente ideal para iniciar a vida sexual?

No presente estudo, a observação é de que a influência social regula, cronologicamente, o início da vida sexual dos jovens. Citam-se os fatores relacionados às questões de gênero, quando à moça-adolescente cabe postergar a idade da primeira “transa” e ao jovem do sexo masculino favorece a precocidade do ato. Isso aparece nos discursos de Lupita e Samuel.

*[...] Os outros falam pra gente num ter, os outros falam pra gente esperar, a gente tá muito nova pra começar com tudo isso, a gente pensa nisso mais tarde, né? A gente cresce direito, né? Por exemplo, quando eu chego assim e falo com a minha mãe a gente assistindo a novela das seis, ela sempre fala isso “você cresce primeiro!”.[...] (Lupita, 12 anos)*

*Ah, eu sinto que a iniciação sexual é necessária, sabe? Que eu tou passando da hora (risos), né? E que é importante. [...] (Samuel, 20 anos)*

Falcão dispõe de sua postura consciente, para responder às demandas sociais quanto ao alcançar a maioridade para ser um jovem responsável pelos seus atos e conseqüências e, portanto, assumir livremente o sexo em sua vida. Diz querer concretizar a primeira relação sexual somente após seus dezoito anos (idade preconizada, legalmente, para designar a maioridade).

*[...] Eu vou me sentir consciente por aquilo que eu tou fazendo, que eu só vou fazer na hora adequada.[...] Eu não quero fazer*

*sexo antes dos meus dezoito anos, entendeu? [...]* **(Falcão, 13 anos)**

Neste ponto cabe abordar a questão da idade certa para iniciar a vida sexual. Essa temática permeou parte de minha inquietude dando origem ao presente trabalho. Ao longo de minha trajetória com os adolescentes, por várias vezes eles questionaram quanto à idade certa pra ter a primeira transa.

Esse foi um dos motivos que levou a surgir o sentimento de insegurança nos adolescentes: *quando posso começar a fazer sexo?*

Apesar de não ser o foco do estudo, vale a pena ilustrar alguns dados quantitativos resultantes de pesquisas realizadas acerca da idade de iniciação sexual no Brasil. Um dos indicadores mais usados para o debate sobre iniciação sexual tem sido a idade da primeira relação sexual. Um estudo realizado em 13 capitais (Belém, Cuiabá, Florianópolis, Fortaleza, Goiânia, Maceió, Manaus, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo e Vitória) e no Distrito Federal mostrou que a idade média da primeira relação sexual é mais baixa entre os alunos do sexo masculino: varia de 13,9 a 14,5 anos entre os jovens, enquanto entre as estudantes do sexo feminino, a idade média é de 15,2 a 16 anos (CASTRO, ABROMAVAY e SILVA, 2004).

O processo de mudança de comportamento das pessoas em curso na sociedade brasileira leva a supor que a iniciação sexual se dê cada vez mais cedo. Por outro lado, a epidemia de HIV/Aids poderia estar afetando este comportamento no sentido de retardar a idade da primeira relação.

Enfim, resta discutir sobre a insegurança causada pela idealização da “pessoa certa” para a primeira relação sexual. Vander e Ivete dizem que pensam numa pessoa ideal para repartir o momento insipiente da primeira transa. No entanto, as razões que

os levam a essa escolha são diferentes. Vander compartilha de um ideal mais romântico de entregar-se à parceira certa.

*[...] Talvez você pensa com quem, às vezes. Qual seria mais ideal.[...]* **(Vander, 15 anos)**

Aqui vale resgatar o contexto histórico no qual a escolha por um parceiro ou uma parceira torna-se algo, essencialmente, relevante nas decisões sobre aspectos sexuais e afetivos. O romantismo surgiu como movimento literário, artístico e filosófico que anuncia o final do século XVIII, domina parte do século XIX e consegue uma enorme sobrevida popular, passando a indicar uma atitude, uma conduta, uma postura que desfrutam de enorme simpatia entre os jovens (RIBEIRO, 2004b, p. 70). Pesquisas concluem que o sentimento de “entrega” à pessoa certa é um dos motivadores para o início da vida sexual de mulheres e, mais recentemente, numa pesquisa realizada no município de São Paulo em 2002, segundo Borges e Schor (2007), observou-se que esse padrão também se aplica aos homens.

Ivete já relaciona a necessidade de escolher um parceiro ideal baseado nos riscos em ter sexo com alguém “errado”. Acredita que se relacionar com a pessoa certa poderá se proteger contra doenças advindas do sexo.

*[...] E tem que ser com a pessoa certa. Porque a gente num sabe se uma pessoa tá com doença e a gente pode pegar, mas ah [...] É uma coisa assim [...] a gente num conhece a pessoa direito e já vai com a pessoa errada. Tem que achar a pessoa certa. [...]* **(Ivete, 12 anos)**

Por outro lado Samuel não comunga da posição dos adolescentes acima. Dispensa significados valorativos à primeira parceira sexual e diz que, não necessariamente, precisa gostar dela.

*[...] Porque assim pra iniciação sexual não precisa gostar da pessoa inicialmente. [...] eu não vejo a relação sexual assim, sabe? Transar só com a pessoa que você gosta, né? [...]* **(Samuel, 20 anos)**

Enfim, independente da origem do sentimento de insegurança declarado pelos adolescentes, resta afirmar que a demanda de segurança – um dos requisitos fundamentais para um desenvolvimento pessoal sadio e dentro de certos parâmetros –, permite-nos organizar a vida numa previsão razoável, diz Romero (2001).

### ***A vergonha...***

Por fim, discutiremos sobre o sentimento de *vergonha* que perpassou algumas das falas e mostrou o constrangimento dos jovens ao perceber o ato sexual em si.

Pedro, por exemplo, relata que fica sem graça quando pensa nisso, quer dizer, fica constrangido. Seu constrangimento deve-se principalmente, à preocupação quanto ao seu desempenho no ato sexual, abordado anteriormente. Indiretamente parece preocupar-se, também, em ser uma boa referência de virilidade para a parceira que irá acompanhá-lo na sua primeira experiência sexual. Fica imaginando a *vergonha* que irá enfrentar caso não consiga atingir ou manter a ereção do pênis, como diz “se frochar?”.

*[...] Ah, sei lá acho que meio sem graça, assim com vergonha. Ah, sei lá sô! Penso numa porrada de coisa. Se for na hora assim e aí. Ah, sei lá! Não der nada. Penso numa porrada de coisa. Ah, se for se num agüentar muito? Se frochar? Ou se não eu nem tiver ereção? Aí é foda! Ah, Nossa Senhora! Fico sem graça mesmo.[...]*  
**( Pedro, 15 anos)**

Por outro lado, Avril, ao imaginar uma situação sexual, mostra seu constrangimento ligado às questões de nudez. Ela mostra claramente que tem vergonha de mostrar seu corpo num passeio à piscina com biquini e supõe o quanto se sentirá envergonhada ao estar completamente nua com um parceiro, a sós.

*[...] Ah, eu fico constrangida porque eu fico morrendo de vergonha. Fico pensando [...] Se eu morro de vergonha de ir à piscina, imagina! Nossa Senhora! (risos). Ah nem [...] Tem vez que eu me pergunto com quem eu vou querer ficar. Só de nadar, imagina! Com a pessoa ali, sozinha no quarto. Ah nem! [...] (Avril, 18 anos)*

O valor estimado ao corpo feminino em nossa sociedade atribui contornos definidos e padrões de magreza que deturpam a possibilidade das jovens em aceitar o próprio corpo. O que não se aplica ao caso de Avril, pois seu corpo segue naturalmente esses padrões: é alta, magra, esbelta, bonita e simpática. Seu constrangimento em mostrar o corpo vem da maneira como encara o sexo em si. Nos contatos com Avril concluí o quanto ela é tímida, ainda mais quando se trata em lidar com rapazes, relacionar-se afetivamente com eles. Portanto, ela imagina o quanto será difícil e constrangedor estar a sós com um homem para se relacionarem sexualmente. Na verdade, todo o discurso de Avril traz sua “falta de coragem” em fazer sexo, o qual vem carregado de sinonímias que vão desembocar na sua timidez e receio em experimentar algo que vai desvendar simbolicamente seus segredos (o corpo). Revela seu pudor em relação à nudez, sente-se recatada diante das minúcias envolvidas na intimidade corporal necessária ao sexo. Assim, Avril termina seu discurso fazendo uma brincadeira: que só teria coragem de consumir o ato sexual se estivesse bêbada.

*[...] eu acho assim que se tiver que ter, acho que deveria ser bem tonto mesmo! (risada) Nem saber o que eu tou fazendo pra mim [...] (Avril, 18 anos)*

Já Carolina relaciona sua *vergonha* à criação dada pela mãe. Um discurso embutido pela repressão sexual e que, mais uma vez, mostra a influência social sobre pensamentos, sentimentos e atitudes dos jovens.

*[...] Às vezes dá um pouco de vergonha. Porque, tipo assim, fui criada [...] Minha mãe tá - “Não faça isso!” - e eu nunca fiz. [...]*  
**(Carolina, 12 anos)**

Tiana também sinaliza traços de repressão ao falar de seu constrangimento diante do que lhe é estranho: o sexo. Os “outros”, que representa o social, influenciam direta ou indiretamente em suas ações e pensamentos.

*[...] Fico constrangida, né? Porque a gente num conhece ainda. Porque é [...] fica pensando nisso. Os outros fala pra gente num ter, os outros fala pra gente esperar, a gente tá muito nova pra começar com tudo isso, a gente pensa nisso mais tarde, né? [...]*  
**(Lupita, 12 anos)**

Ela sente-se constrangida em falar e pensar em sexo quando imagina a reação “desencorajante” dos adultos frente às suas supostas aventuras no mundo da sexualidade.

Na verdade, a vergonha pode surgir a partir do medo, do temor. Como já dizia Sócrates ao relacionar vergonha e medo “não é certo dizer ‘onde há medo há vergonha’, mas sim dizer ‘onde há vergonha há medo’, porque nem sempre há vergonha onde há medo; o temor vai mais longe que a vergonha; a vergonha é uma parte do temor.”

Como se observa, não houve como separar sentimento por sentimento ao realizar as análises. Nas falas, eles se imiscuem, se confundem, se sobrepõem. Numa mesma frase, pôde-se captar a expressão de vários sentimentos. Por ora, parecem repetitivas algumas discussões, mas foi preferível enveredar no risco do exagero a deixar escapar algum detalhe importante do fenômeno.

### 4.3- A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO COMPORTAMENTO DO ADOLESCENTE

*“É isso aí...Um vendedor de flores...  
Ensina os seus filhos a escolher seu amores”.*

(Ana Carolina e Seu Jorge)

Para entendermos o comportamento do adolescente frente à influência familiar é preciso entender o que é *comportamento*. Antes disso vale distinguir dois termos entrelaçados que são *atitude* e *comportamento*. O primeiro foi definido por Brown in Cavalcanti (1993) como sendo “a disposição para agir de forma favorável ou desfavorável em relação a um determinado objeto”. Por outro lado, o *comportamento* é “a resposta emitida ou eliciada pelo indivíduo, face a uma estimulação do meio ambiente”. Partindo dessas premissas, precisamos ainda considerar que as atitudes agregam três componentes: o cognitivo ligado ao “pensar”, o afetivo relacionado ao “sentir” e o conotativo direcionado à “tendência a agir”, aponta Cavalcanti (1993). Esses componentes mantêm entre si uma inter-relação estreita de forma que se comunicam diretamente um com o outro. Sem alongas em querer me deter nessas questões conceituais acerca dos componentes estruturais do comportamento humano, cabe ressaltar que aquilo que um indivíduo pensa está direta e indiretamente relacionado às suas vivências e à aprendizagem social.

A partir dessas considerações podemos tecer a trama na qual o cenário familiar se apresenta como elemento relevante no contexto da sexualidade do adolescente, principalmente no que se refere à tomada de decisões relacionadas à iniciação da vida sexual.

Sabemos que a família corresponde ao primeiro espaço social do indivíduo, onde as relações se concretizam, principalmente, baseadas no vínculo afetivo. A experiência de estar-com-o-outro nasce no seio daqueles que nos acolhem nos primeiros anos de vida. É na família que aprendemos a lidar com o mundo e as coisas nele existentes. Os valores atribuídos à existência e sociabilidade humana emergem da convivência familiar.

A família, em seu processo de viver, constrói um mundo de símbolos, significados, valores, saberes e práticas, em parte oriundos de sua família de origem, do seu ambiente sociocultural e, em parte, decorrentes do viver e do conviver da nova família em suas experiências e interações cotidianas intra e extrafamiliares. Este mundo de significados é próprio de cada família, embora contenha elementos do contexto no qual está inserida. (OLIVEIRA, 1995, p. 95)

Na dimensão da sexualidade, apesar das mudanças advindas da década de setenta, com contestações da ordem moral vigente, algumas famílias brasileiras ainda mantêm em suas manjedouras os significados e valores arraigados à cultura da sexofobia, herdada pela moral judaico-cristã, como abordado na introdução deste trabalho. O traço mais significativo desta cultura demonstrado nos discursos foi repressão sexual. Entende-se por repressão sexual, segundo Marilena Chauí (1985, p.77), “o sistema de normas, regras, leis e valores explícitos que uma sociedade estabelece no tocante a permissões e proibições nas práticas sexuais genitais”. A mesma autora cita que essas regras, normas, leis e valores são definidos pela religião, pela moral, pelo direito e também pela ciência.

Em contrapartida, a sociedade ocidental moderna, particularmente a brasileira, através dos meios de comunicação, com destaque da televisão e da internet, incentiva as atitudes de liberação sexual e a permissividade se amplia.

Portanto, assistimos a uma labilidade dos valores vigentes. Levisky (1995, p. 21) afirma que “existe na sociedade, uma fisiologia em constante mutação com seus fatores

constantes e controláveis, por um lado, e, por outro, com seus valores variáveis e imprevisíveis”. Processo esse que não difere essencialmente da evolução psicossocial do adolescente.

É dentro desse contexto que situamos os sujeitos abordados na pesquisa. Foi assim que fui percebendo a dimensão do contexto familiar transfigurado nos discursos deles. Fica claro o conflito vivido pelo adolescente, um estar-no-mundo com liberdades e repressões. Por um lado, o acesso a informações e parceiros interessados em experimentar o sexo, por outro, a ordem moral, as posturas valorizadas pela família, consoante à sociedade. E Tiana expressa:

*[...] Num vô falá que num já me deu vontade não porque, né? Sei lá. Mais [...] Ah, eu fico muito insegura, essas coisas. Nó! Morro de medo, nó! Ainda mais lá em casa que minha mãe. Nossa! [...]*  
**(Tiana, 14 anos)**

A vontade, a oportunidade, o desejo, dão lugar à insegurança, ao despreparo, ao medo advindos da valorização positiva da virgindade e da proibição de relações sexuais fora de uma relação afetiva estável, valores ainda reforçados por algumas famílias no caso das moças.

Há ainda o discurso de Carolina, que apesar de afirmar o não-desejo pelo sexo, parece ter suas ações mediadas pelas orientações da mãe:

*[...] Porque tipo assim eu namoro tem um ano, aí ele fica “ah vão”. Não! Eu não quero, num tô preparada. Fico pensando. Aí ele tá assim, “não num vai acontecer nada de errado não”. Eu fico “não, num quero”. [...]* Tipo a primeira menstruação mesmo ela falou um tanto de coisa comigo que isso, aquilo, aí eu fico pensando que minha mãe falou. Ah, será que vai acontecer? [...]  
**(Carolina, 12 anos)**

É interessante notar a vasta bibliografia que expõe a oposição do adolescente à família como forma de buscar novos referenciais para elaboração de fatores psico-

estruturais. O grupo se torna um grande referencial. O adolescente, realmente, contrapõe-se às ordens dos pais ou responsáveis, mas ao mesmo tempo, de forma implícita, deseja seus limites na conjectura de sentir-se cuidado, de sentir que há pessoas que se preocupam com seu bem-estar. Embora o grupo represente relevância na postura dos jovens, os fatores sócio-culturais que colocam a família como forte aliada ao desenvolvimento humano faz com que os adolescentes prossigam com seus valores arraigados no convívio familiar. Os jovens abordados nesta pesquisa demonstraram esta posição. Talvez, perante o grupo, assumam postura que vão ao encontro de seus membros, porém, na intimidade, o desvelamento do fenômeno, demonstrou-me um ser-aí empenhado em responder as demandas dos pais em relação aos aspectos sexuais. Mesmo não verbalizando, esta influência revela-se por detrás das falas, sendo possível aproximar o que foi dito com a presença figurada dos pais, mais amplamente, da educação oferecida por eles. Através dos contatos “extra-entrevista” com os sujeitos da pesquisa pude aproximar seus discursos da realidade familiar a que pertencem e notei que os jovens com a família, supostamente, bem estruturada apresentaram em sua fala uma maior preocupação com as ações preventivas relacionadas ao sexo, DSTs e gravidez.

Outra fala velada que sinaliza a influência familiar aparece embutida em alguns discursos das moças que demonstraram medo de engravidar. A gravidez seria a prova consumada de que houve relação sexual numa idade considerada “não apropriada” para o ato, o que pode vir a sofrer julgamento da família e mais severamente da comunidade em que está inserida.

Mia admite que está ansiosa pela sua primeira “transa”, mas oculto ao seu medo de engravidar e contrair DSTs, encontra-se a influência social que a faz temer.

*[...] Ah, na mesma hora que você se sente assim, sabe? É como, por exemplo, assim com ansiedade de chegar rápido a hora, sabe? A gente se sente assim com um pouco de medo. De engravidar, ficar com alguma doença, a Aids, por exemplo.[...]*  
**(Mia, 12 anos)**

Tiana, por exemplo, demonstra sua preocupação em haver boatos em seu meio, sobre sua postura e atitudes.

*[...] Só de pensar nisso, nó! Tem que pensar primeiro nas conseqüências, né? Depois cê pensa na boca dos outros porque [...]*  
**(Tiana, 14 anos)**

Neste ponto fica bastante clara tamanha influência sócio-cultural perante a atitude da jovem. No dia da entrevista, Tiana contou-me que estava namorando um rapaz há alguns meses e que por várias vezes tiveram oportunidade de se relacionarem sexualmente. No entanto, isso ainda não havia acontecido porque ela o impedia. Apesar de confessar-me não ser apaixonada pelo namorado, assumiu que durante os “amassos” sentia desejos por ele, mas como disse: “não rolou”.

Sem querer me aprofundar nas questões de gênero, há estudos que evidenciam que valores diferenciados – social, histórica e culturalmente construídos – são atribuídos à primeira relação sexual e norteiam um início da vida sexual distinto entre homens e mulheres que, por sua vez, têm um papel preponderante para manutenção de tais valores no grupo em que vivem. Assim, a virgindade é valorizada no caso das mulheres solteiras ou sem parceiro fixo, ao passo que os homens são encorajados a perdê-la independente de seu vínculo afetivo.

É notável que a maioria dos discursos contendo a influência da família vem das adolescentes onde há uma forte alusão à figura materna. A mãe aparece como

referência do eu feminino e como a norteadora de ações, possuidora de julgamentos positivos e negativos acerca da sexualidade. O principal traço desvelado, vê-se, foi a repressão sexual.

*[...] Porque tipo assim, fui criada. Minha mãe tá - “Não faça isso!” - e eu nunca fiz. Até mesmo que minha mãe separou do meu pai muito cedo, assim eu nunca cheguei - “mãe é isso, isso e isso”. Tipo a primeira menstruação mesmo ela falou um tanto de coisa comigo que isso, aquilo, aí eu fico pensando que minha mãe falou. Ah será que vai acontecer? Aí eu sempre penso alguma coisa assim. Em relação às coisas. A vida que você, né? A educação, a estrutura familiar, essas coisas.[...] (Carolina, 12 anos)*

*[...] Ainda mais lá em casa que minha mãe. Nossa! [...] Primeiro tem que pensar na sua mãe, nó! Sua mãe descobrir, nossa! (Grita, solta risos) Nossa senhora! [...] (Tiana, 14 anos)*

*[...] Por exemplo, quando eu chego assim e falo com a minha mãe a gente assistindo a novela das seis ela sempre fala isso “você cresce primeiro!”. Tá? [...] (Lupita, 12 anos)*

Todo esse arsenal de tentativas de controle do comportamento das filhas deve vir acompanhado de uma análise histórica do papel social da mulher ao longo dos tempos. Na medida em que a mulher inseriu-se no cenário econômico familiar, através do trabalho, passou a habitar não somente o lugar de mãe, cuidadora, progenitora, dedicada ao lar e à família, mas também o daquela que contribui ou assume as despesas da casa. Assim, as ordens dos valores alteraram-se, a mulher deixa de ser preparada para o futuro marido e passa a ser preparada para sua própria autonomia, para o mercado de trabalho. Então, é aí que se situa a grande fábula do não engravidar durante a adolescência, o que por vezes pode ser desejado pela menina, como concluiu Madeira (1998). Porém a posição da família é, na maioria das vezes, projetar o futuro do jovem através dos estudos e/ou aquisição de um emprego. Um filho significaria postergar ou anular esses planos.

Esta posição aparece claramente no discurso de Falcão.

*[...] Eu acho besteira, eu acho que tipo assim. Imagina se você. Você vai e gera um filho com a menina lá. Eu acho que isso tá errado. Você tem que ter consciência daquilo que você tá fazendo, entendeu? Tipo assim, eu acho que assim você [...] Hoje você tem que tomar o máximo de cuidado possível na hora que for fazer sexo. Tem que tomar o máximo de cuidado possível. Eu me sinto assim. Quando eu tiver a minha hora, na relação sexual eu vou me sentir consciente porque eu não vou fazer besteira. Assim, por diversão. Acho que tudo tem a sua hora certa. Tem que ter consciência do que você tá fazendo, porque não pode fazer uma coisa errada na vida não. Uma coisa que você fizer errado na vida você pode prejudicar o resto dela toda [...]. (Falcão, 13 anos)*

Este discurso ilustra a influência marcante da família, pois tive contato com os pais de Falcão e percebi o quanto se preocupam com o futuro do filho, orientam-no em direção à busca de um futuro promissor.

Dessa forma, os jovens foram expondo cada um, a seu modo, direta ou indiretamente o envolvimento familiar e social que os sobrepõe às vésperas de seus momentos de descoberta, às vésperas de sentir e perceber mais de perto a expressão plena de sua sexualidade: a chegada do sexo.

#### 4.4- PENSANDO NAS CONSEQÜÊNCIAS PÓS-SEXO: PREOCUPANDO-SE COM A PREVENÇÃO

*Tem coisas  
que a gente sabe,  
faz a hora,  
não espera acontecer.  
E tem coisas  
que a gente sabe,  
busca,  
espera,  
e deixa não acontecer.*

(Celina Camilo)

Várias pesquisas apontam o despreparo do adolescente para iniciar sua vida sexual, principalmente no que tange aos cuidados em relação à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e gravidez indesejada. Entretanto, vários jovens deste estudo demonstraram preocupar-se com a prevenção destes eventos. Essa preocupação é revelada nos discursos, ora através do medo, ora diretamente através de declarações da necessidade de se prevenirem.

O discurso de Mia revela claramente seus medos: o de se relacionar com alguém que tenha doença que possa ser transmitida a ela através do sexo, dando exemplo da Aids e do medo de engravidar. Não chega a citar formas de preveni-las, mas durante a entrevista pareceu-me assustada com os “perigos” que o sexo pode lhe oferecer.

*[...] Ah, é o medo, né? De engravidar, ficar com alguma doença, a Aids, por exemplo. Alguma coisa assim. [...]* **(Mia, 12 anos)**

Sua colega Ivete também teme pegar uma DST ao iniciar sua vida sexual. Acredita que para evitar esta inconveniência prefere se relacionar com a pessoa certa, a qual deverá realizar exames prévios à relação sexual.

*[...] Porque a gente num sabe se uma pessoa tá com doença e a gente pode pegar. Porque antes da gente fazer assim tem que fazer exame, porque a pessoa assim, a gente num conhece a*

*pessoa direito e já vai com a pessoa errada. Tem que achar a pessoa certa.[...]* **(Ivete, 12 anos)**

É interessante notar o ponto de vista desta jovem que situa sua proteção no certificar-se da ausência de doença do outro. Ela transfere a responsabilidade do cuidado para seu suposto parceiro. Ele deverá realizar o(s) exame(s). Para Tiana uma outra prerrogativa para evitar doença é escolher e conhecer uma pessoa certa para iniciar uma relação envolvendo sexo.

Outro sujeito demonstra medo diante das conseqüências pós-sexo. Tony se diz receoso diante da possibilidade de adquirir uma DST caso dispense o uso do preservativo.

*[...] Você fica meio com pé atrás antes de ter pensado nas doenças que você pode pegar. Que você pode transar assim do nada, tudo sem camisinha. Eu não tenho coragem.[...]* **(Tony, 16 anos)**

Assume que um relacionamento culminar no ato sexual pode ser algo imprevisível e que não tem coragem de consumá-lo sem dispor do recurso preventivo, o *condom*. Na verdade, para enunciar a importância de se prevenir das DSTs, ele fala de um medo. Contrasta esse medo com desejo, mas realça seu receio em relação às possíveis doenças advindas do prazer em iniciar a vida sexual.

*[...] Essa sensação é tipo assim. Você tem um medo, mas também tem a vontade. Você fica meio com pé atrás antes de ter, pensado nas doenças que você pode pegar. [...]* **(Tony, 16 anos)**

No discurso fica clara a preocupação de Tony em investir na prevenção de DSTs, no entanto, não faz menção à possibilidade de gravidez. Por outro lado, Falcão afirma veemente a necessidade de prevenir a gravidez na sua idade, já que a geração de um filho pode acarretar mudanças para o resto da vida.

*[...] Imagina se você gera um filho com a menina lá. Eu acho que isso tá errado. Tem que ter consciência do que você tá fazendo porque não pode fazer uma coisa errada na vida não, porque uma coisa que você fizer errado na vida você pode prejudicar o resto dela toda.[...] (Falcão, 13 anos)*

Acha que é errado gerar um filho de maneira inesperada simplesmente pelo prazer que o sexo traz, por diversão, ele diz. Salaria a necessidade de refletir sobre suas atitudes e conclui que praticar sexo e iniciar a vida sexual requer responsabilidades, consciência.

*[...] Eu acho besteira. Imagina se você gera um filho com a menina lá. Eu acho que isso tá errado. Eu sinto que quando eu tiver a minha hora, na relação sexual eu vou me sentir consciente porque eu não vou fazer besteira por diversão.[...] (Falcão, 13 anos)*

Em todo seu discurso, Falcão expressou-se de forma bastante racional, procurando eleger situações que demonstrassem o tom de responsabilidade de seus atos pertinentes à sua futura vida sexual. Sua preocupação girou em torno da possível ocorrência de uma gravidez “fora de hora”, o que significaria prejuízos para o resto de sua vida. Enfatizou, a todo o momento, a importância de ter consciência das próprias atitudes e deixa explícito que isso se trata de questões relacionadas à prevenção de uma gravidez indesejada, porém não menciona formas de evitá-la.

Já Samuel mostra um outro ponto de vista: discorre sobre a relação sexo-prazer-prevenção. Afirma que a iniciação sexual deve envolver prazer, independentemente de vir acompanhada ou não da intenção de gerar uma gravidez. Se a primeira transa envolver somente prazer ele deve lançar mão do preservativo, porém encara a possibilidade de uma primeira relação sexual envolver o desejo de uma gravidez, o que exclui o uso do *condom*.

*[...] Pra poder pensar na iniciação sexual tem que envolver prazer, mas ao mesmo tempo a pessoa também tem que pensar ou ela*

*usa preservativo, né? Pra poder evitar algum tipo de gravidez ou a pessoa, ela já pensa o contrário, ela quer ter iniciação sexual envolvendo prazer, mas também pra engravidar a mulher. [...]*  
**(Samuel, 20 anos)**

Para Samuel, além do desejo por uma gravidez, há outra prerrogativa que o permite dispensar o uso do preservativo: gostar da pessoa com a qual está se relacionando. Ele considera que se houver envolvimento afetivo, consolidado pelo tempo e pelo sentimento de afeição pela pessoa, a preocupação com as questões preventivas se anulam. No entanto, se não existirem sentimentos consolidados em relação à parceira, a prevenção com uso do preservativo é necessária.

*[...] Porque pra iniciação sexual não precisa gostar da pessoa inicialmente, mas se você não gostar da pessoa tem que usar preservativo mesmo. E quando você começa a gostar da pessoa, vive aquele relacionamento com a pessoa, aí sim você pode deixar o preservativo de lado, né? Mas, aí depois assim, sabe? [...]*  
**(Samuel, 20 anos)**

No processo de envolvimento afetivo, considera que, em princípio, a entrada para a vida sexual possa ocorrer com alguém sem vínculo sentimental. Portanto, a introdução ou interrupção do uso de métodos preventivos está diretamente ligada à ausência ou existência de vínculo afetivo, respectivamente.

Apesar dos adolescentes não se prepararem para iniciação sexual, sendo esse episódio algo imprevisível em suas vidas, como afirma Mendes (1995) em sua dissertação, esse estudo veio demonstrar que há uma preocupação por parte deles em se cuidarem no momento do sexo. Resta-nos decifrar e resgatar o elo entre o desejo e a efetivação do auto-cuidado.

## 5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este estudo que objetivou compreender os sentimentos dos adolescentes em sua iniciação sexual, procurei resgatar alguns aspectos que me pareceram fundamentais.

Inicialmente, ao perceber a necessidade de contatos com os adolescentes antes das entrevistas para nos aproximarmos e falarmos sobre sexo, achei que seria algo simples e trivial, porém foi bastante trabalhoso e instigante. Num segundo momento, foi difícil tratar de assuntos de extrema intimidade, ou seja, falar sobre a sexualidade, o sexo. Terceiro ponto, compreender sentimentos humanos, foi algo notadamente complexo e desafiador.

Por outro lado, os facilitadores possibilitaram-me atingir o objetivo proposto e o fenômeno se desvelou.

Em princípio, foi fundamental a adequação do método fenomenológico ao objeto de estudo. Nada mais perfeito para compreender os sentimentos humanos que a fenomenologia, pois ela permitiu captar os aspectos individuais de cada sujeito, o que foi imprescindível no caso dos adolescentes desta pesquisa. Segundo, o acolhimento dispensado a mim pelos jovens e colaboradores de todo o processo, o que possibilitou um verdadeiro encontro-com-o-outro.

Por fim, minha vontade e perseverança em acreditar na importância de compreendermos melhor a esfera afetivo-sexual dos “nossos” adolescentes para que, efetivamente, possamos colaborar com decisões importantes em suas vidas, como a iniciação sexual. Entendo que só podemos ajudar o outro se realmente o compreendemos.

E no desvelar do fenômeno, percebi que há uma forte influência do meio social sobre os sujeitos da pesquisa em relação ao que pensam e sentem, principalmente a influência da família. O que vai de encontro ao pré-conceito existente da “oposição” do adolescente aos pais. Embora várias pesquisas apontem que há um despreparo dos jovens para a iniciação sexual, o presente estudo revelou que há uma preocupação por parte deles em se cuidarem evitando DSTs e gravidez não desejada.

Os sentimentos dos adolescentes que repousam no limiar da iniciação sexual convergem, essencialmente, para o sentimento de *medo*, do qual emergiram os sentimentos de *insegurança*, *receio*, *ansiedade* e *vergonha*. Além de revelarem *desejos* e *preocupações*.

É certo que esse tema e discussão soa, demasiadamente, inacabável. O que nos leva a experimentar um tom de infinitude. A busca por compreender esses sujeitos-adolescentes tão peculiares não finda aqui, claro.

Apesar da tentativa de fazer polidas conjeturas sobre os sentimentos alheios, cabe a cada um de nós – enfermeiros, família, amigos..., que vivemos e convivemos com esses jovens –, proporcionar maneiras pelas quais eles mesmos sejam capazes de se responsabilizarem por suas jornadas através deste mundo. O apoio profissional, a escuta ativa, as orientações precisas e cingidas de empatia, mostram o nosso diferencial: o cuidado em sua essência mais profunda. O jovem necessita disso. Necessitamos abertura para uma educação sexual longe das pré-concepções, com o fim de promover um libertar e um acolher, um respeitar o eventual modo “bizarro” de ser de alguns deles, e é nisso que nós, cuidadores, precisamos avançar. Se, infelizmente, a academia ainda apresenta uma lacuna como aprendizado nestes termos, cabe a nossa práxis-saúde buscar alternativas que possibilitem nos aproximar dos adolescentes. Só

assim poderemos concretizar o projeto de uma saúde-sexual e reprodutiva plena entre os jovens.

Por fim, devo admitir que trabalhar com a fenomenologia abriu-me perspectivas para compreensão dos sentimentos humanos contribuindo, significativamente, para o meu crescimento pessoal e como pesquisadora. Para compreender o outro foi preciso, antes de tudo, compreender a mim mesma e isso foi infinitamente enriquecedor. No entanto, a abordagem do fenômeno ficou limitada à minha capacidade enquanto enfermeira-investigadora de captar, abstrair e teorizar, em consequência varia o grau de aprofundamento do estudo.

Todavia, espero que esta pesquisa possa contribuir para o desafio em que se constitui o fenômeno da iniciação sexual dos jovens, através da compreensão de como o adolescente se sente ao pensar na sua primeira relação sexual. Por isso, vale a pena trilhar por caminhos investigativos que possibilitem o descobrimento de novas facetas do fenômeno aqui estudado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM- ABEn. **Adolescer**: compreender, atuar e acolher. Brasília, 2001

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM- ABEn. **Projeto Acolher**: um encontro da enfermagem com o adolescente brasileiro / Flávia Regina Souza Ramos, Marisa Monticelli, Rosane Gonçalves Nitschke (organizadores). Brasília: ABEn/ Governo Federal, 2000. 196p.

BICUDO, M. V.; ESPÓSITO, V. H. C. **Pesquisa qualitativa em educação**. Piracicaba: Unimep, 1994.

BIFF, E. F. A. O fenômeno menopausa. 1991. 120p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1991.

BORGES, A.L.V., SCHOR, N. Homens adolescentes e vida sexual: heterogeneidades nas motivações que cercam a iniciação sexual. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n.1, jan. 2007

BRASIL. Ministério da Saúde. Programa Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis/Aids. **A situação da Aids no Brasil**. Disponível em: <<http://www.saúde.gov.br>> Acesso em:2000

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução n.196**. Brasília: Ministério da saúde, 1996a.

BRASIL.Ministério da Saúde. **Programa de Saúde do Adolescente**. Brasília: Ministério da Saúde, 1996b.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Formação Pedagógica em Educação Profissional na Área da Saúde: Enfermagem**. 2. ed. Brasília, 2003. v.3. 91p.

CAPALBO, C. **A fenomenologia e ciências humanas**. 3ª ed. Londrina: UEL, 1996

CAPALBO, C. A antropologia e a fenomenologia: crise do conceito tradicional de natureza humana. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ENFERMAGEM, **Anais**. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, p.45, 1984.

CARVALHO, A.; SALLES, F.; GUIMARÃES, M. **Adolescência**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Proex – UFMG, 2003. 122p.

CASTRO, M. G., ABRAMOVAY, M., SILVA, L., B., **Juventudes e sexualidade**. Brasília: Unesco, 2004. 426p.

CAVALCANTI, R. C., Papel do educador na formação de atitudes. In: CAVALCANTI, R. C., **Saúde sexual & reprodutiva: Ensinando a ensinar**. [ca. 1993]

CHAUÍ, M., **Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida**. 8 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. 231 p.

CORRÊA, A. K. Fenomenologia: uma alternativa para pesquisa em enfermagem. **Rev. Latinoam. Enferm.** Ribeirão Preto, v.5, n.1, p.83-88, jan. 1997

DARTIGUES, A. **O que é fenomenologia?** 7ª ed. São Paulo: Centauro, 2000. 172p.

FOUCAULT, M., **História da sexualidade: a vontade de saber**. 16 ed. São Paulo: Graal, 1988. vol 1, 151 p.

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO., SCHERING. **Sexualidade: prazer em conhecer**. Rio de Janeiro: Fotolito AP Editora, 2001. 232p.

FRICHE, A. A. L., CAIAFFA, W. T., CÉSAR, C. C. , GOULART, L. M. F., ALMEIDA, M. C. M. Indicadores de saúde materno infantil em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, 2001: análise dos diferenciais intra-urbanos. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro. 22(9): 1955-1965, set, 2006

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Parte I. Trad. de Márcia de Sá Cavalcante. 7<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Vozes, 1998, 325p.

GILES, T. R. **História do existencialismo e da fenomenologia**. São Paulo: EPU, 1989.

HEIDEGGER, M. **Todos nós... Ninguém**: um enfoque fenomenológico do social. São Paulo: Editora Moraes, 1981, 72p.

HEILBORN, M. L. (Org.). **Sexualidade, o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. 206p.

LEVISKY, D. L. **Adolescência**: reflexões psicanalíticas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. 254p.

MADEIRA, A. M. F. **Crescer com o filho**: a singularidade do adolescer mãe. 1998. 197f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

MANDU, E. N. T., CORRÊA, A. C. P. Educação sexual formal na adolescência: contribuições à construção de projetos educativos. **Acta Paul Enf**, São Paulo, v.13, n.1, p.27-37, 2000.

MANDU, E. N. T., **Gravidez na adolescência: um problema?** In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM- ABEn. Projeto Acolher: um encontro da enfermagem

com o adolescente brasileiro / Flávia Regina Souza Ramos, Marisa Monticelli, Rosane Gonçalves Nitschke (organizadores). Brasília: ABEn/ Governo Federal, p.94-97, 2000.

MARTINS, J., BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos.** São Paulo: Moraes, 1989.

MARTINS, J., BOEMER, M. R., FERRAZ, C. A. A fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa: algumas considerações. **Rev. da Esc. Enferm. da USP.** São Paulo, v. 24, n. 1, p. 139-147, abr.1990.

MATOS, M.J.G. **O ser-no-mundo-com-câncer.** 1996. 203f. Tese (Doutorado em Enfermagem)-Escola de Enfermagem de São Paulo, São Paulo, 1996.

MENDES, F. C., **Percebendo o relacionamento sexual: sentimentos e vivências de adolescentes.** 1995. 125 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1995.

MERLEAU-PONTY, M. **A fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1999. 662p.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento.** Pesquisa qualitativa em saúde. 6 ed. São Paulo: Hucitec- Abrasco, 2004. 269p.

MINAS GERAIS, Secretaria de Estado da Educação, FUNDAÇÃO ODEBRECHT. **Sexualidade do Adolescente: Fundamentos para uma ação educativa.** / Maria Clarice Baleeiro, Maria José Siqueira, Ricardo Cunha Cavalcanti & Vilma de Souza – Salvador: Fundação Odebrecht; Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação e Secretaria de Estado da Saúde de Minas Gerais, 1999. 320p.

MINAS GERAIS, Secretaria de Estado da Educação, FUNDAÇÃO ODEBRECHT. **Afetividade e Sexualidade na educação**: um novo olhar. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Rona Ltda, 1998. 251p.

MOTT, L., **História da Sexualidade no Brasil**. 1994. Disponível em: [www.geocities.yahoo.com.br/luizmottbr/artigos05.html](http://www.geocities.yahoo.com.br/luizmottbr/artigos05.html). Acesso em: 02 agosto de 2005.

OLIVEIRA, D. L. O Fenômeno da Sexualidade Adolescente: conceito, contextualização e análise. **Rev. Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v.16, n.1/2, p.94-97, jan/dez. 1995

OSÓRIO, L.C. **Adolescente Hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.103p.

REIS, A. O. A., **O Discurso da Saúde Pública Sobre a Adolescente Grávida**: avatares. 1993. 166f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

RIBEIRO, C. **O significado de ser mãe de um filho cardiopata**: um estudo fenomenológico. 2004. 145f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004a.

RIBEIRO, R. J. O mito do amor romântico. **Viver - mente&cérebro**, São Paulo, Ano XIII, n. 141, p. 70-73, out. 2004

ROMERO, E. **As formas da sensibilidade**: Emoções e Sentimentos na Vida Humana. Della Bídia Editora: São José dos Campos. 2001. 247p.

SERRÃO, M., BALEEIRO, C., A função social do educador. In: Aprendendo a ser e a conviver. [ca. 2000]

TRIVIÑOS, A. N. S.; **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

## **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **A adolescência normal**. 10ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2005.

ABERASTURY, A *et al.* **Adolescência**. 5ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. 246 p.

ARANHA, M. L. de A., MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando, introdução à filosofia**. São Paulo: Moderna, 2003. 439p.

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra**. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 1999p.

CANO, M. A. T., FERRARI, M. G. C. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. **Rev. latino-am.enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 18-24, abril 2000.

CAPALBO, C. Abordando a enfermagem a partir da fenomenologia. **Rev. Enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, v. 2, n.1, p. 70-76, maio, 1994.

COATES, V.; SANTANA, M. J. C. Gravidez na adolescência. In: FRANÇOSO, L.; GEJER, D.; REATO, L. **Sexualidade e saúde reprodutiva na adolescência**. São Paulo: Atheneu, 2001

COSTA, D. D. G., LUNARDI, V. L. Enfermagem e um processo de educação sexual com adolescentes de uma escola pública. **Rev. Texto e Contexto em Enfermagem**, Florianópolis, v.9, n.2, p. 46-57, mai/ago 2000.

ELSEN, I., MARCON, S. S., SILVA, M. R. S. (org.), **O viver em família e sua interface com a saúde e a doença**. 2 ed. Maringá: eduem, 2004. 398 p.

FERRARIS, A. O. Emoções e Sexualidade. **Rev. Viver- mente e cérebro**, São Paulo, v. 13, n.141, p. 64-65, out 2004.

GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia**: romance da história da filosofia. São Paulo: Cia de Letras, 1995. 555p.

HUHNE, L. M. **Metodologia Científica**. Rio de Janeiro: Agir, 1975.

HUSSERL, E. **A idéia da fenomenologia**. Portugal, Lisboa: edições 70, 1990. 133p.

SALVADOR, M. **Conviver com o filho portador de insuficiência renal crônica**: um estudo compreensivo fenomenológico. 2001. 99f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2001.

SHINYASHIKI, R. **A carícia essencial, uma psicologia do afeto**. São Paulo: Editora Gente, 1985. 156p.

TIBA, I. **Adolescência, o despertar do sexo**: um guia para entender o desenvolvimento sexual e afetivo nas novas gerações. São Paulo: Editora Gente, 1994. 144p.

## ANEXOS

### ANEXO 1 - Parecer - Comitê de Ética

Universidade Federal de Minas Gerais  
Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG - COEP

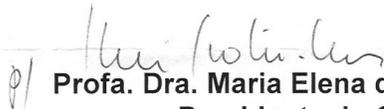
Parecer nº. ETIC 042/06

**Interessada: Profa. Anézia Moreira Faria Madeira**  
**Departamento de Materno-Infantil**  
**Escola de Enfermagem-UFMG**

#### DECISÃO

O Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – COEP, aprovou no dia 30 de junho de 2006, depois de atendidas as solicitações de diligência, o projeto de pesquisa intitulado "**Os sentimentos dos adolescentes envolvidos no processo de iniciação sexual**" bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do referido projeto.

O relatório final ou parcial deverá ser encaminhado ao COEP um ano após o início do projeto.



**Profa. Dra. Maria Elena de Lima Perez Garcia**  
**Presidente do COEP/UFMG**

## ANEXO 2 – Autorização para Coleta de Dados

### Carta à Escola Municipal José Maria dos Mares Guia

Belo Horizonte, 08 de novembro de 2005

Ilma Sr Diretor da Escola Municipal José Maria dos Mares Guia

Solicito sua autorização para utilizar o espaço da escola assim como o contato com seus alunos para a realização da pesquisa: **Os sentimentos do adolescente envolvidos no processo de iniciação sexual**, que estou desenvolvendo como mestranda da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, sob a orientação da professora doutora Anézia Moreira Faria Madeira e co-orientação da professora doutora Lindalva Carvalho Armond.

Venho informar-lhe, que a escolha desta escola se deu pelo critério de inclusão e exclusão da minha pesquisa que é trabalhar com os adolescentes das escolas as quais despertaram meu interesse pelo desenvolvimento da pesquisa em questão, incluindo estudantes da Escola da qual o senhor é diretor. Conforme acordo firmado, pretendo desenvolver algumas atividades que serão programadas junto ao seu corpo docente em parceria com as alunas da Escola de Enfermagem da UFMG.

O objetivo desta pesquisa é compreender os sentimentos do adolescente envolvidos no processo de preparação para entrada na vida sexual. Acredito que, ao compreender a esfera sentimental dos adolescentes, no que tange a iniciação sexual, ampliamos nosso potencial de ação junto a eles. Nós profissionais da saúde, a família, a escola e demais espaços sociais precisamos interagir de maneira a cooperar para a preparação dos jovens para o exercício saudável desta sexualidade.

Para a realização desta pesquisa optamos por, após um contato prévio com os sujeitos e minha inserção no campo de pesquisa que é esta escola, fazer um estudo qualitativo. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados serão entrevistas não estruturadas, gravadas e posteriormente transcritas, analisadas e categorizadas. Para preservar a identidade dos sujeitos seus nomes serão omitidos.

De acordo com a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Ética em Pesquisas- CONEP- que normaliza as pesquisas envolvendo seres humanos, será solicitado aos sujeitos, assim como seus responsáveis legais, seu consentimento para utilizar suas falas, através da assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, onde constarão os termos para esta investigação, como a assunção de minha parte de preservação do sigilo quanto ao nome dos participantes bem como o restrito uso das informações para a pesquisa e divulgação dos resultados em trabalhos de cunho científicos.

Coloco-me à disposição de V. Sra. para quaisquer esclarecimentos. Antecipo os agradecimentos, certa de poder contar com sua colaboração.

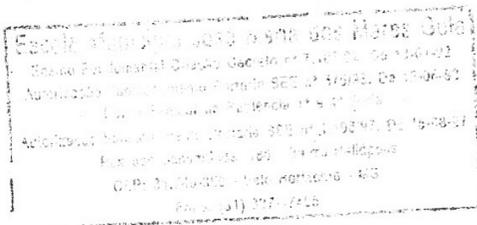
Atenciosamente,

Letícia Soares de Azevedo  
Mestranda

Anézia Moreira Faria Madeira  
Orientadora

Lindalva Carvalho Armond  
Co-orientadora

Contato com a pesquisadora:  
Rua São Paulo n. 390, ap. 1302, Bairro: Centro, Belo Horizonte/MG  
Telefones: (31) 3212-1505 Celular: (31) 9169-0246  
E-mail: [letisazevedo@yahoo.com.br](mailto:letisazevedo@yahoo.com.br)



Leonardo Linhares Blucher  
DIRETOR - BM 47510-3  
Nomeação DOM 13/01/2005  
Aut. Port. SMED 031/05 de 06/02/05

**CONTAGEM  
SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE  
DISTRITO SEDE  
UNIDADE DE SAÚDE CENTRO**

**AUTORIZAÇÃO**

Autorizo a **Leticia Soares de Azevedo**, enfermeira da Unidade de Saúde Centro e mestranda da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, a convidar os adolescentes que freqüentam esta unidade para participarem da coleta de dados da sua pesquisa intitulada: **Compreendendo os sentimentos do adolescente em seu processo de iniciação sexual.**

Contagem, 30 de outubro de 2006

  
**Cléa Maria Coelho M. Procópio**  
**Gerente da Unidade de Saúde Centro**

Unidade Saúde Centro - UAS  
Rua Francisco Monteiro, 65  
Casa - Centro - Contagem - MG  
Telefones: 3398-4310

### **ANEXO 3- Termo de consentimento livre e esclarecido do adolescente**

#### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Título da pesquisa:

#### **COMPREENDENDO OS SENTIMENTOS DO ADOLESCENTE EM SEU PROCESSO DE INICIAÇÃO SEXUAL**

Você está sendo convidado(a) para participar desta pesquisa que tem como objetivo compreender os sentimentos do adolescente envolvidos no processo de preparação para entrada na vida sexual. A pesquisa será realizada por mim, Letícia Soares de Azevedo, aluna do curso de mestrado da Escola de Enfermagem da UFMG, sob orientação das professoras Dra. Anézia Moreira Faria Madeira e Dra. Lindalva Carvalho Armond, do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública/UFMG.

O tema sexo/sexualidade vem sendo trabalhado por diversas instituições das mais variadas formas, mas acredito que, se alcançar o objetivo exposto acima, o desenvolvimento de trabalhos nesta temática poderão avançar, contribuindo sobremaneira na qualidade da assistência de vocês – adolescentes. Sua participação é muito importante e totalmente voluntária. Se você concordar em participar, eu o(a) entrevistarei uma vez, na escola ou onde achar melhor para você. A entrevista tem uma previsão de duração de 40 minutos. Você tem toda liberdade de se negar a falar ou responder, bem como interromper nosso encontro a qualquer instante. Gostaria de deixar claro que isso não afetará nossa relação, nem tampouco sua relação com a escola. Com sua permissão pretendo gravar e posteriormente transcrever a entrevista, sendo que o seu nome nunca será associado aos dados obtidos, pois utilizarei pseudônimos, mantendo sua identidade no anonimato. A(s) fita(s) ficará(ão) sob minha guarda até o final do estudo, quando então será(ão) destruída(s). Assim, garantimos o sigilo sobre sua participação. A qualquer momento você poderá pedir esclarecimentos sobre a pesquisa ou outro dado que achar conveniente.

#### **Consentimento**

Eu li e entendi este termo, tive a oportunidade de esclarecer minhas dúvidas com a pesquisadora e concordo em participar da pesquisa.

Assinatura: \_\_\_\_\_ Data: \_\_/\_\_/\_\_

Assinatura da pesquisadora: \_\_\_\_\_ Data: \_\_/\_\_/\_\_

Contato com a pesquisadora:

Rua São Paulo n. 390, ap. 1302. Bairro: Centro. Belo Horizonte/MG

Tel: (31) 3212-1505 Cel: (31) 9169-0246

E-mail: [letisazevedo@yahoo.com.br](mailto:letisazevedo@yahoo.com.br)

Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) – UFMG

Tel: (31) 3499-4592

## **ANEXO 4 – Termo de consentimento livre e esclarecido do responsável pelo adolescente**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Título da pesquisa:

#### **COMPREENDENDO OS SENTIMENTOS DO ADOLESCENTE EM SEU PROCESSO DE INICIAÇÃO SEXUAL**

Seu(a) filho(a) está sendo convidado (a) para participar desta pesquisa que tem como objetivo compreender os sentimentos do adolescente envolvidos no processo de preparação para entrada na vida sexual. A pesquisa será realizada por mim, Letícia Soares de Azevedo, aluna do curso de mestrado da Escola de Enfermagem da UFMG. As pesquisadoras Dra. Anézia Moreira Faria Madeira e Dra. Lindalva Carvalho Armond do Departamento de Enfermagem Materno Infantil e Saúde Pública/UFMG, são também responsáveis por esta pesquisa.

O tema sexo/sexualidade vem sendo trabalhado por diversas instituições das mais variadas formas, mas acredito que, se alcançar o objetivo exposto acima, o desenvolvimento de trabalhos nesta temática poderão avançar, contribuindo sobremaneira na qualidade da assistência aos adolescentes.

A participação do(a) seu(a) filho(a) é muito importante e totalmente voluntária e acontecerá através de uma entrevista com duração de cerca de 40 minutos.

Afirmo que os dados coletados serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa e será garantido anonimato dos participantes, além de reservar-lhes o direito de interromper sua contribuição no trabalho a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

#### **Consentimento**

Eu li e entendi este termo, tive a oportunidade de esclarecer minhas dúvidas com a pesquisadora e concordo em participar da pesquisa.

Assinatura: \_\_\_\_\_ Data: \_\_/\_\_/\_\_

Assinatura da pesquisadora: \_\_\_\_\_ Data: \_\_/\_\_/\_\_

Contato com a pesquisadora:

Rua São Paulo n. 390, ap. 1302. Bairro: Centro. Belo Horizonte/MG

Tel: (31) 3212-1505 Cel: (31) 9169-0246

E-mail: [letisazevedo@yahoo.com.br](mailto:letisazevedo@yahoo.com.br)

Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) – UFMG

Tel: (31) 3499-4592

## ANEXO 5 - Entrevistas

**ENTREVISTA 1- Carolina, 12 anos, sexo feminino, Belo Horizonte.**

**E: Como você se sente ao pensar na sua iniciação sexual?**

Ah eu fico com um pouco de medo.(I)

**E: (Fiz um gesto para ela continuar)**

Só. (Faz uma pequena pausa, pensa e diz:) (II) Por que tipo assim eu namoro tem um ano, aí ele fica - "Ah vão...". Não! Eu não quero, num tô preparada.(III) Fico pensando, aí ele tá assim "não num vai acontecer nada de errado não". Eu fico "não, num quero". Só. (Silêncio longo) (II) Às vezes dá um pouco de vergonha.(IV)

**E: Vergonha...**

Porque, tipo assim, fui criada... Minha mãe tá - "Não faça isso!" - e eu nunca fiz. Até mesmo que minha mãe separou do meu pai muito cedo, assim eu nunca cheguei - "Mãe é isso, isso e isso". Tipo a primeira menstruação mesmo ela falou um tanto de coisa comigo que isso, aquilo, aí eu fico pensando o que que minha mãe falou.(V) Ah, será que vai acontecer? Aí eu sempre penso alguma coisa assim. (VI) (Silêncio.)

**E: Mais alguma coisa que você quer colocar em relação a essa pergunta?**

Só.

DISCURSO DO SUJEITO	DISCUSO ARTICULADO
<p><b>I-</b> Ah, eu fico com um pouco de medo.[...]</p>	<p>Relata ter medo da iniciação sexual.</p>
<p><b>II-</b> Só. (Silêncios e pausas)</p>	<p>Acha que disse tudo sobre a pergunta.</p>
<p><b>III-</b> [...] eu namoro tem um ano, aí ele fica “ah vão”. Não! Eu não quero, num tô preparada. Fico pensando aí ele tá assim “não num vai acontecer nada de errado não”. Eu fico “não, num quero”.</p>	<p>Sente-se pressionada diante dos apelos do namorado para terem relação(ões) sexual(is), dizendo não estar preparada e respondendo para ele que não quer.</p>
<p><b>IV-</b> Às vezes dá um pouco de vergonha. Fui criada... Minha mãe tá - “Não faça isso!” - e eu nunca fiz.[...]</p>	<p>Diz sentir vergonha pensando na criação que teve junto à mãe que lhe diz para não fazer sexo.</p>
<p><b>V-</b> <u>Porque, tipo assim, fui criada... Minha mãe tá - “Não faça isso!” - e eu nunca fiz.</u> Até mesmo que minha mãe separou do meu pai muito cedo, <u>assim eu nunca cheguei - “Mãe é isso, isso e isso”.</u> Tipo a primeira menstruação mesmo ela falou um tanto de coisa comigo que isso, aquilo. [...]</p>	<p>Fala sobre a criação que sua mãe lhe deu, dizendo para não fazer sexo. Relaciona a separação dos pais com a falta de liberdade que tem de falar sobre sexo com a mãe, a qual se limita a falar sobre funções biológicas como a menstruação. Essa fala sugere que a mãe relaciona menstruação à gravidez.</p>
<p><b>VI-</b> [...] aí eu fico pensando o que que minha mãe falou... Ah, será que vai acontecer? Aí eu sempre penso alguma coisa assim... [...]</p>	<p>Fica pensando no que sua mãe lhe falou sobre assuntos sexuais, tentando imaginar situações.</p>

**ENTREVISTA 2 - Tiana, 14 anos, sexo feminino, Belo Horizonte.**

**E: Como você se sente ao pensar na sua iniciação sexual?**

Como assim? (I) Ah, eu penso assim: que no dia que... (Interrompe bruscamente a frase e diz:) Num vô falá que num já me deu vontade não porque, né? (II) Sei lá. Mas... Ah eu fico muito insegura, essas coisas.(III) Nó! Morro de medo, nó! (IV) Ainda mais lá em casa que minha mãe... Nossa! (V) (Solta alguns risinhos, faz uma pequena pausa.) Acho que é isso. (Mais risos) Só de pensar nisso, nó! Tem que pensar primeiro nas conseqüências, né?(VI) (Pausa; mais risos.) (I) Difícil, viu? (I) Primeiro tem que pensar na sua mãe, nó! Sua mãe descobrir, nossa! (V) (Grita, solta risos.) Nossa senhora! Depois cê pensa na boca dos outros porque... (Pausa.) Muito difícil. Já não me faltou oportunidade também, sabe? (Risos.) Mais nem... Também tenho medo, né?(IV) (Risos, pequena pausa.) Só isso.

**E: Só isso...**

Só.

**ENTREVISTA 3 - Zélia, 12 anos, sexo feminino, Belo Horizonte.**

**E: Como você se sente ao pensar na sua iniciação sexual?**

Confusa. É... Porque tipo assim... Eu me sinto confusa, né? (I) Eu não sei o que fazer. Às vezes tem que pensar também como isso vai acontecer. (II)Então... Sei lá. Tipo... Mulher, de repente.(III)

**E: Fala para mim dessa sua confusão.**

É... Não sei dessas coisas, né? Eu fico lá na minha cabeça, até eu me perguntar se vai ser assim... (II) Aí me faz eu ficar doida, aí eu fico confusa, deixo de fazer.(I) Será que isso é isso? Que aquilo é isso, num sei direito. (II) Será que... A gente tá na idade agora, entendeu? (IV) Se é bom, entendeu? Num sei... Fico confusa.(I) (Pequena pausa.) Igual tem menina que fala que é bom, entendeu? Que dói... (Pausa.) Entendeu?

**E: Mais alguma coisa?**

Não.

**ENTREVISTA 4 - Lupita, 12 anos, sexo feminino, Belo Horizonte.**

**E: Como você se sente ao pensar na sua iniciação sexual?**

(Silêncio.) Hum... (fica pensativa e pergunta.) Como assim? (I)

**E: Quer que eu repita a pergunta?**

(Mostra sinal com a cabeça que sim.)

**E: Quero que você me fale como se sente ao pensar na sua iniciação sexual?**

Ah, de vez em quando até brinco, né? Com isso, mas... ah, num sei, né?(I) A gente vai começar ainda, então... (II) (Silêncio breve.) Fico constrangida, né? (III) Porque a gente num conhece ainda... (II) (Silêncio longo.) (I) De vez em quando é... Eu fico conversando com as minha colega lá. A gente fica até... Acaba zuando, brincando

com isso, mas aí eu chego e viro pra elas e falo não porque a gente num conhece, né? Aí num sabe como que é... (II) (Silêncio) Só. (Silêncio.) (I)

**E: Se você fosse falar de você, como você se sente? Quando pensa nessa iniciação sexual?**

Eu? De vez em quando eu fico constrangida assim... (III) porque é... fica pensando nisso... Os outros fala pra gente num ter, os outros fala pra gente esperar, a gente tá muito nova pra começar com tudo isso, a gente pensa nisso mais tarde, né? A gente cresce direito, né? (IV) Por exemplo, quando eu chego assim e falo com a minha mãe a gente assistindo a novela das seis ela sempre fala isso - "você cresce primeiro!". (V) Tá... (Silêncio longo, fica pensativa, tentando dizer mais algo, mas diz que terminou). Só isso. (Silêncio. Aguardo mais um instante, pois a entrevistada permanece pensativa sugerindo querer dizer algo)

**E: Quer falar mais alguma coisa?**

Não. Só isso.

**ENTREVISTA 5 - Mia, 12 anos, sexo feminino, Belo Horizonte.**

**E: Como você se sente ao pensar na sua iniciação sexual?**

(Silêncio.) (I) Ah, na mesma hora que você se sente assim, sabe? É... Como, por exemplo, assim com ansiedade de chegar rápido a hora, sabe? (II) A gente se sente assim com um pouco de medo. (III) Medo de chegar dá alguma coisa errada... Porque assim sei lá. Alguma coisa, sabe? Tá com alguma doença, engravidar... (IV) (Silêncio longo, fica pensativa, mas sugere com os gestos inquietos, ter terminado de falar.)

**E: Fala para mim desse medo.**

Ah é o medo, né? De engravidar, ficar com alguma doença, a Aids, por exemplo. Alguma coisa assim. (IV) Só. Só os dois. Só os dois mesmo eu tenho.

**ENTREVISTA 6 - Ivete, 12 anos, sexo feminino, Belo Horizonte.**

**E: Como você se sente ao pensar na sua iniciação sexual?**

Ah tem que ter segurança, né? (I) Porque... Ai sei lá. E tem que ser com a pessoa certa. (II) (Olha para mim dá uma gargalhada.) E aí... (Solta risadas.) Sei lá. (Silêncio longo, fica pensativa) Na mesma hora que a gente pode ficar feliz, a gente pode ficar triste. (III) Porque a gente num sabe se uma pessoa tá com doença e a gente pode pegar, mas ah... Ai sei lá. Nem sei... É uma coisa assim... Porque antes da gente fazer tem que fazer exame. (IV) porque a pessoa assim, a gente num conhece a pessoa direito e já vai com a pessoa errada. Tem que achar a pessoa certa. (II) Só. (Pequeno silêncio.) Ah ta, uai? Como eu me sinto, sinto, sinto assim num sei não. (V) Um dia vai, vai ter. Hoje... Mas sei lá. (Solta risos.) O que vem na minha cabeça assim é isso mesmo. (VI)

**E: Quer falar mais alguma coisa?**

É só isso mesmo.

**ENTREVISTA 7 - Tony, 16 anos, sexo masculino, Contagem.**

**E: Como você se sente ao pensar na sua iniciação sexual?**

Ah pra te falar a verdade assim... Sinto uma coisa diferente, né? Um campo que a gente não conhece.(I) a gente fica meio, nó! Ressabiado, nó!(II) Será que eu vou conseguir? Será que eu não vou conseguir?(III) Será que a outra pessoa vai gostar? Não vai gostar... Fico meio indeciso.(IV) Aí... Até hoje eu não tive essa sensação ainda de poder ter a primeira relação. De um tudo é meio assim ainda suspense na nossa vida.(I) Acho que a maioria do pessoal na minha faixa etária tá assim ainda. (Silêncio)

**E: Fala pra mim dessa sua sensação.**

Essa sensação é tipo assim... Você tem um...Você tem um medo,(V) mas também tem a vontade.(VI) Você fica meio com pé atrás antes de ter pensado nas doenças que você pode pegar, que você pode transar assim do nada, tudo sem camisinha... (VII) Eu não tenho coragem.Tem gente e tal que eu conheço que na primeira vez foi sem camisinha, tá nem aí. Eu não. Sou meio ressabiado.(II) Mas também tem aquele... Uma sensação gostosa que você fala assim... Ah...(VI) (suspiro) Será que é? Como deve ser a primeira vez? Fica meio suspense na nossa vida.(I) A gente fica meio indeciso pra certas coisas, né? (IV) (Silêncio)

**E: (Coloco-me numa postura de interrogação insinuando a continuidade do discurso)**

Mais nada. Que eu acho assim.

**ENTREVISTA 8 - Falcão, 13 anos, sexo masculino, Contagem.**

**E: Como você se sente ao pensar na sua iniciação sexual?**

Como eu me sinto? Assim igualzinho, como assim? Como eu vou pensar nisso? Como eu vou sentir? Eu vou assim...(I) Eu vou me sentir responsável pelo... Assim... Eu vou me sentir consciente por aquilo que eu tou fazendo,(II) que eu só vou fazer na hora adequada.(III) Igualzinho eu vejo assim que chega a hora da menina chegar e falar comigo. Eu vou falar - "não". Não, não vou fazer uma coisa que eu não quero.(IV) Eu quero... Assim... "Eu respeito você e tudo pela sua atitude mas eu acho que você tem que respeitar a minha também"- , entendeu? Eu acho que é isso e assim... Eu não quero fazer sexo antes dos meus dezoito anos, entendeu? (III) Porque assim... Eu acho besteira, eu acho que tipo assim... Imagina se você... Você vai e... Você gera um filho com a menina lá. Eu acho que isso tá errado. Você tem que ter consciência daquilo que você tá fazendo, entendeu? (V) Tipo assim, eu acho que assim você... Hoje você tem que tomar o máximo de cuidado possível na hora que for fazer sexo, tem que tomar o máximo de cuidado possível. (V) E assim... Eu me sinto assim... Quando eu tiver a minha hora, na relação sexual eu vou me sentir consciente porque eu não vou fazer besteira por... Assim... Por diversão.(II) Acho que tudo tem a sua hora certa. (III)(Silêncio longo.) Tem que ter consciência do que você tá fazendo porque não pode fazer uma coisa errada na vida não, porque... Uma coisa que você fizer errado na vida você pode prejudicar o resto dela toda.(V) (Silêncio.) Então é isso.

**E: Mais alguma coisa?**

É isso.

**ENTREVISTA 9 - Samuel, 20 anos, sexo masculino, Contagem.**

**E: Como que você se sente ao pensar na sua iniciação sexual?**

Ah, eu sinto que a iniciação sexual é necessária, sabe? Que eu tou passando da hora (risos), né? (I) E que é importante... Pra qualquer pessoa, né? Isso que eu penso. (Silêncio longo) Ah, como eu me sinto? Quando eu penso nisso? (Silêncio) (II) Ah, uma pessoa normal, sabe? É uma coisa tão normal. Isso. Eu não me sinto diferente, né? É necessário e eu me sinto uma pessoa normal pensando ou não pensando, sabe? Qualquer pessoa tem direito de pensar nisso, né? (III) Tem gente que fala assim que às vezes a pessoa fez só por prazer e não é assim, sabe?(IV) Também é lógico que envolve prazer também, né? Pra poder pensar na iniciação sexual tem que envolver prazer, mas ao mesmo tempo a pessoa também tem que pensar ou ela usa preservativo, né? Pra poder evitar algum tipo de gravidez ou a pessoa, ela já pensa o contrário, ela quer ter iniciação sexual envolvendo prazer, mas também pra engravidar a mulher... (V) Entendeu o que eu quis dizer?

**E: (Faço sinal que sim)**

Sobre isso acho que é só isso mesmo, nada além.

**E: Quer fazer mais alguma pergunta?**

(Neste momento o jovem questiona sobre a minha opinião acerca da proibição do uso de preservativo pela Igreja Católica. Após conversarmos sobre o assunto, retomo ao tema da pesquisa e ele me indaga se tenho alguma pergunta a fazê-lo. **Então, volto à questão norteadora e ele diz:**)

É assim, na verdade eu sou muito tímido, mas assim é... Lógico que eu tenho que melhorar isso, né? Pra poder iniciar minha vida sexual, vida amorosa com a pessoa e... Procurar fazer com a pessoa...(VI) (Se embola na própria fala e continua.) Porque pra iniciação sexual não precisa gostar da pessoa inicialmente mas se você não gostar da pessoa tem que usar preservativo mesmo.(V) E quando você começa a gostar da pessoa, vive aquele relacionamento com a pessoa aí sim você pode deixar o preservativo de lado, né? Mas aí depois assim, sabe?(V) Mas eu não vejo a relação sexual assim, sabe? É... Transar só com a pessoa que você gosta, assim, né?(IV) É isso. (Risadinhas.) Mais alguma coisa?

**E: Você tem?**

Não, é isso.

**ENTREVISTA 10 - Avril, 18 anos, sexo feminino, Contagem.**

**E: Como você se sente ao pensar na sua iniciação sexual?**

Ah eu fico constrangida porque eu fico morrendo de vergonha. (I) (Risadinha.) Fico pensando... Se eu morro de vergonha de ir na piscina, imagina! (I) (Risadinha.) Pelo contrário... (Risinhos.) Nossa Senhora! Ah nem... (Silêncio.)

Tem vez que eu me pergunto como que eu vou querer ficar. Só de nadar, imagina! Com a pessoa ali... (Risos.) Sozinha no quarto. (Risos) Ah nem... Acho que eu não teria coragem assim não.(II) Às vezes é porque eu também não tenho vontade. (III) Deve ser por isso, eu não tenho vontade, nem coragem. Nossa! Morro de medo, não tenho coragem não.(II) Muito menos pra saber como é que eu vou fazer, né?(IV) Minhas colegas já me pergunta - "Como é que cê vai fazer quando cê vê?". Eu num

sei...(Risos.) Mas num tinha coragem não. Não sei. Não tinha coragem não. (II)  
(Silêncio.) Num sei... (Silêncio.)

**E: Como que você se sente quando pensa?**

Constrangida demais, sem graça. (Silêncio longo)

**E: Quer falar mais alguma coisa?**

Não... (Pensa e diz:) Também eu acho assim que se tiver que ter, acho que deveria ser bem tonto mesmo! (Risada.) Nem saber o que eu tou fazendo pra mim... Se for... Fora isso não tenho coragem não. Ah, Deus! Fora isso não tenho coragem não. (II)  
(Silêncio)

**E: Quer fazer alguma pergunta?**

Não.

**ENTREVISTA 11 - Pedro, 15 anos, sexo masculino, Contagem.**

**E: Como que você se sente ao pensar na sua iniciação sexual?**

Ah, meio sem graça, né? Ah, sei lá. (Risos.) Ah sei lá acho que meio sem graça, assim com vergonha.(I) Ah nem... Sei não. (Risos seguido de silêncio.) Sei não. Ah, (Risos.) sei lá sô! De boa mesmo. (Silêncio.) (II)

Ah sei lá sô! Penso numa porrada de coisa. Se for na hora assim e aí... Ah, sei lá!(II) Não der nada. Penso numa porrada de coisa... Ah, se for se num agüentar muito, se frochar. Ou se não eu nem... Nem tiver ereção. Aí é foda! (III) Ah! (Risos.) Nossa Senhora! (Mais risos.) Acho que num tem... Nem... Só isso só, num tem... (Risos.) Fico sem graça mesmo.(I). (Silêncio acompanhado de pequenas risadinhas.)

**E: É isso?**

É... Num tem... Juro que nem parei pra pensar nisso não. Tou pensando agora. (IV) Nossa, mas deve ser foda o cara tá... Sei lá, penso numa porrada de coisa, se num der certo, né?(III) Ah, sei lá! Num tem nem o que falar não. (Silêncio longo.) Ah sei lá! (Silêncio.) É isso. (Risos.)

**ENTREVISTA 12 - Vander, 15 anos, sexo masculino, Contagem.**

**E: Como que você se sente ao pensar na sua iniciação sexual?**

É difícil demais para falar isso, né?(I) Talvez a gente não pensa demais assim... Como será o momento, né?(II) É uma coisa assim muito difícil de se pensar.(I) Talvez você pensa com quem, às vezes... O local, né? Qual seria mais ideal.(III) É uma coisa mais assim. Não o momento, o ato, né? É difícil de imaginar. Eu pelo menos num... Num imagino assim com realidade.(II) Mais a pessoa,(III) talvez como seria o local. Eu penso assim. Eu me sinto... (pequena pausa)(I) Eu me sinto... Difícil de falar assim... O sentimento. Não sei...(I) Se a palavra às vezes é um sentimento, entendeu? Não é preocupação. Não é ansiedade, talvez um pouco de ansiedade.(IV) Talvez cê ta ficando com a pessoa, né? É vê... talvez como que era estar já no ato sexual. Porque cê tá, talvez na noite, nessa festa pode acontecer. Talvez isso.(II) O sentimento talvez seja de ansiedade.(IV) Talvez o momento... Até pra preocupação, né? Do... “não conseguir”, talvez... Aquela toda teoria e não ser posta em prática, né? (V) É de ansiedade.(IV) Dá um medo(VI), mas ansiedade(IV).

**E: Ahã... (Coloco-me numa postura de interrogação: mais alguma coisa?)**  
 Não.

<b>DISCURSO DO SUJEITO</b>	<b>DISCURSO ARTICULADO</b>
<p><b>I-</b> [...] Eu me sinto... Difícil de falar assim... O sentimento. Não sei... Se a palavra às vezes é um sentimento, entendeu? [...]</p>	<p>Relata a dificuldade de definir o sentimento sobre a pergunta realizada.</p>
<p><b>II-</b> É difícil demais para falar isso, né? Talvez a gente não pensa demais assim... Como será o momento, né? É uma coisa assim muito difícil de se pensar.</p>	<p>É difícil falar sobre algo que ainda não aconteceu.</p>
<p><b>III-</b> Talvez você pensa com quem, às vezes... O local, né? Qual seria mais ideal. É uma coisa mais assim. Não o momento, o ato, né? [...]</p>	<p>Diz que, talvez, não pensa no ato sexual em si, mas em situações mais concretas como o local onde possa ocorrer e a pessoa com quem terá sua primeira relação sexual.</p>
<p><b>IV-</b> [...] Não é preocupação. Não é ansiedade, talvez um pouco de ansiedade. Talvez cê tá ficando com a pessoa, né? É vê... talvez como que era estar já no ato sexual. Porque cê tá, talvez na noite, nessa festa pode acontecer. Talvez isso. O sentimento talvez seja de ansiedade.</p>	<p>Tenta definir o sentimento em relação ao processo de iniciação sexual. Suscita dúvidas quanto aos possíveis sentimentos vivenciados, para tanto imagina situações do mundo-vida: festa, companhia. Conclui que o sentimento que predomina é de ansiedade.</p>
<p><b>V-</b> [...] Talvez o momento... Até pra preocupação, né? Do...“não conseguir”, talvez... Aquela toda teoria e não ser posta em prática, né? Dá um medo, mas ansiedade.</p>	<p>Relaciona os sentimentos de medo, preocupação e ansiedade à postura masculina que deva assumir no ato: preocupação quanto à função erétil do pênis.</p>

### ANEXO 6 – Relação dos pseudônimos

<b>Pseudônimo (Idade)</b>	<b>Artista referente</b>	<b>Característica do Artista</b>	<b>Característica do Adolescente</b>
1- Carolina (12 anos)	Ana Carolina (cantora e compositora)	Voz firme, letras de músicas reflexivas	Mostrou muita maturidade, apesar da pouca idade (12 anos)
2- Tiana (14 anos)	Sebastião Salgado (Fotógrafo)	Imagens em preto e branco - contraste	Desejo e contensão
3- Zélia (12 anos)	Zélia Duncan (Cantora e compositora)	Letras de músicas simples e reflexivas	Usou palavras simples e fortes
4- Lupita (12 anos)	Integrante do Grupo Musical Mexicano: Rebelde		Fã do Grupo Rebelde
5- Mia (12 anos)	Integrante do Grupo Musical Mexicano: Rebelde		Fã do Grupo Rebelde
6- Ivete (12 anos)	Ivete Sangalo (Cantora Bahiana)	Alegre e espontânea	Idem
7- Tony (16 anos)	Tony Bellotto (Escritor e compositor )	Histórias policiais com uma pitada de sexualidade	Demonstrou muita sabedoria
8- Falcão (13 anos)	Falcão (Vocalista do Grupo Musical Rappa)		Escolha do jovem
9- Samuel (20 anos)	Samuel Rosa (Vocalista do Grupo Musical Skank)		Escolha do jovem
10- Avril (18 anos)	Avril Lavine (Cantora Norte-americana)		Escolha da jovem
11- Pedro (15 anos)	Pedro Moraleida (Artista plástico)	Trabalha, explicitamente, a genitalidade humana	Jeito espontâneo de tratar sua genitalidade
12- Vander (15 anos)	Vander Lee (Cantor e compositor)	Letras de músicas simples e profundas	Jovem sábio e humilde